

# **ERUPÇÕES FEMINISTAS NEGRAS**

**(3ª COLETÂNEA DE LITERATURA E ARTE FEMINISTA NEGRA)**

**COLETIVO LOUVA DEUSAS**

**ERUPÇÕES  
FEMINISTAS  
NEGRAS**

**3ª. COLETÂNEA DE LITERATURA E ARTE FEMINISTA NEGRA  
LOUVA DEUSAS**

## OUTROS LIVROS DO COLETIVO

*1ª. Coletânea de Literatura feminina negra  
Louva Deusas, 2012.*

*Além dos Quartos: Coletânea de Arte Erótica  
Negra, 2015.*

**LOUVA DEUSAS**

**ERUPÇÕES**

**FEMINISTAS**

**NEGRAS**

**3ª. COLETÂNEA DE LITERATURA E ARTE FEMINISTA NEGRA  
LOUVA DEUSAS**

**(2020)**

Todos direitos das obras desta edição reservados às autoras. É permitida sua reprodução, total ou parcial desde que dadas às devidas referencias. Versão digital (2021).

LOUVA DEUSAS, 2012-

Erupções Feministas Negras: 3ª. Coletânea de literatura e arte feminista negra Louva Deusas. Edição independente, São Paulo: 2020.

I. Poesia II. Conto III. Artes plásticas IV. Feminismo Negro V. Erotismo VI. Sexualidade.

Coordenadora: Jackeline Aparecida Ferreira Romio

Organizadoras: Priscila Ferreira Romio & Gabriela Renata dos Santos

## **Dedicatória**

Dedicamos esta terceira coletânea de literatura e Arte Feminista negra a todas meninas, adolescentes e mulheres negras.

Nosso objetivo é difundir e potencializar a arte feminista negra como forma de resistência às diversas formas de violência que afetam as condições de vida de mulheres negras.

Nesta edição memoramos duas companheiras do Coletivo que já não estão mais entre nós: Elis Regina Feitosa do Vale (1983-2018) e Tula Pilar Ferreira (1970-2019). Honramos e saudamos Elis Regina e Tula Pilar pela luta pela arte popular brasileira desde o lugar de mulher negra e periférica que travaram em suas vidas.

Dedicamos também a todas as escritoras que já passaram por essas nossas experiências independentes de criação artística feminista negra e oxalá as próximas.

(Jackeline, Priscila e Gabriela)

## Agradecimentos

Agradecemos intensamente a todas as escritoras e desenhistas que disponibilizaram suas artes para a composição desta coletânea.

Agradecemos a secretária de Cultura do Estado de São Paulo pelo financiamento desta obra .

Agradecemos a Prefeitura de São Paulo e a Casa de Cultura do Butantã por recepcionarem as atividades de lançamento do livro.

Agradecemos a Érica Secco e Allan Vivaqua (YUMI) pelo apoio na arte final deste livro e pela atenção e carinho no trabalho com mulheres.

As Louva Deusas

## SUMÁRIO

|   |     |
|---|-----|
| ❖ Adrielle Santos.....                    | 09  |
| ❖ Alexandra Loras.....                    | 11  |
| ❖ Aline Negríndia.....                    | 15  |
| ❖ Amanda Amani.....                       | 30  |
| ❖ Ana Lúcia Lourenço.....                 | 33  |
| ❖ Ana Terra Araújo.....                   | 36  |
| ❖ Ariane Mattos.....                      | 42  |
| ❖ Barbara Falcão.....                     | 46  |
| ❖ Ca Crocodilo.....                       | 50  |
| ❖ Carol Pabiq.....                        | 52  |
| ❖ Cátia Luciana Pereira (Catita).....     | 54  |
| ❖ Celinha Reis.....                       | 57  |
| ❖ Claúdia Canto.....                      | 59  |
| ❖ Crisleine Borges.....                   | 62  |
| ❖ Cryolla Fenix.....                      | 65  |
| ❖ Dara Ribeiro.....                       | 69  |
| ❖ Dandara Kuntê.....                      | 71  |
| ❖ Debora Rios.....                        | 75  |
| ❖ Deuzydara Nogueira (Deusa Nagô).....    | 78  |
| ❖ Deborah Monteiro.....                   | 81  |
| ❖ Dinha( Maria Nilda de Carvalho Mota)... | 83  |
| ❖ Dulce Carvalho.....                     | 87  |
| ❖ Elis Regina Feitosa do Vale.....        | 89  |
| ❖ Erenay Martins tupinambá.....           | 93  |
| ❖ Formigão.....                           | 97  |
| ❖ Esmeralda Ribeiro (Ada Jones).....      | 99  |
| ❖ Gabriela Carmo.....                     | 103 |
| ❖ Georgina Neta.....                      | 108 |
| ❖ Hildalia Fernandes.....                 | 112 |
| ❖ Ingrid Passos.....                      | 117 |



|   |                                    |     |
|---|------------------------------------|-----|
| ❖ | Jackeline Romio.....               | 119 |
| ❖ | Janaina Barros.....                | 121 |
| ❖ | Janaina Machado.....               | 123 |
| ❖ | Joice Aziza de Mendonça Silva..... | 125 |
| ❖ | Julie lua.....                     | 127 |
| ❖ | Leila Negalaize Lopes.....         | 129 |
| ❖ | Lina Efigenia Barnabé Cruz.....    | 134 |
| ❖ | Lúcia Udemezue.....                | 137 |
| ❖ | Maralice Antunes Camillo.....      | 140 |
| ❖ | Mariana Oliveira (Mari Souza)..... | 142 |
| ❖ | Marina Afares.....                 | 145 |
| ❖ | Marli Aguiar.....                  | 147 |
| ❖ | Nadia Wamunyu.....                 | 151 |
| ❖ | Natália Matos.....                 | 157 |
| ❖ | Olivia de Lucas.....               | 160 |
| ❖ | Ornella Rodrigues.....             | 164 |
| ❖ | Olyvia Bynum.....                  | 168 |
| ❖ | Patrícia Santos.....               | 170 |
| ❖ | Priscila Ferreira Romio.....       | 173 |
| ❖ | Quédima Ferreira Romio.....        | 175 |
| ❖ | Rafaela Miranda.....               | 177 |
| ❖ | Raquel Oliveira.....               | 180 |
| ❖ | Renata Felinto.....                | 182 |
| ❖ | Samanta Pilar.....                 | 184 |
| ❖ | Samantha Rebelles.....             | 186 |
| ❖ | Sofia Toledo.....                  | 188 |
| ❖ | Sueli Feliziani.....               | 191 |
| ❖ | Suely Bispo.....                   | 194 |
| ❖ | Tula pilar.....                    | 196 |

## **ADRIELE LOPES DOS SANTOS**

Adrielle Lopes dos Santos, moradora de Itaquaquecetuba-SP. Sou integrante da casa dos poetas da cidade de São Paulo, onde participei de algumas coletâneas. Sou artista plástica, amante das tintas. Participei da orquestra de violões Mokite Okada. Sou formada em serviço social. Estreie neste plano no dia 30 de julho de 1982.



Meu corpo tem o cheiro do seu gozo  
Minha boca o sabor do seu sexo macio e molhado  
Ouço seu gemido e entro em êxtase  
Me beije mais, me toque sem fim  
Molhe nossa cama  
Se solte, dance para mim  
Quero ver teu corpo livre de padrões  
Quero sentir sua mente plena das melhores canções  
Quero teu espírito em paz  
Teu coração acelera a cada toque firme e contínuo  
Sente se preste a eclodir  
Em um luxurioso vulcão

## **ALEXANDRA LORAS**

Alexandra Loras nasceu na periferia de Paris. É filha de mãe francesa e pai gambiano. Empresária, consultora de empresas e autora de livros, atuou por mais de 20 anos na área de transformação pessoal e empresarial e é fundadora do Fórum Protagonismo Feminino.



## **Reflexão**

*Eu alisei de volta o meu cabelo porque eu fiquei cansada de entrar em espaços da elite com meu cabelo crespo como ato político. Nesses espaços as pessoas sempre focavam no meu cabelo, elas interagiam comigo e com meu cabelo, tocando o meu cabelo, fazendo voar minhas tranças, me perguntando de formar altíssima "ah, esse cabelo é seu?", como se eu pudesse falar para elas "ah, e esse aplique, esse botox e esses seios de silicone são seus?". Sabe você não vai agredir uma mulher, até mesmo quando você percebe que ela tem botox, que ela tem aplique ou que ela tem seios de silicone, mas a mulher negra ela pode ser agredida o tempo todo porque nosso copo foi objetificado por séculos, foi estuprado, foi invadido, escravizado.*

*Então as pessoas brancas ainda percebem o corpo da mulher negra como uma ferramenta de entretenimento que está lá para divertir as pessoas, é como se fosse a sambista, a mulher exótica, essa coisa diferente, só que não. Imagine se eu chegasse a uma mulher branca tocando no seu cabelo e dizendo nossa que macio esse cabelo loiro, as pessoas iam falar que seria um ato de má educação, de falta de protocolo. Então as pessoas não percebem o quanto o corpo de mulher negra sempre foi visto como o corpo da sambista e que somos boas para tudo que diz respeito aos clichês: somos boas para esporte, para dançar, cantar e transar.*

A hipersexualização está toda no imaginário, dentro dos enredos da novela, na figura da amante que destruiu os casamentos dos ricos brancos, ou da faxineira, ou da babá, aquela extensão da família que não faz parte mais está lá com o corpo dela como um criado mudo, móvel-objeto que colocamos ao lado da cama, o criado mudo vem desta função escravocrata da figura do criado escravizado que tinha sua língua cortada para que ficasse lá com água, estando ali para servir a família escravocrata no quarto, cortava-se a língua para que não se pudesse contar o que estava acontecendo no quarto. Infelizmente tudo isso está ligado a este imaginário vindo de uma história de escravidão, das várias violações que as mulheres negras sofreram, por estupro vindos do senhor de escravos, mas também de seus filhos como ferramenta de perda da virgindade dos homens, temos que perceber de onde vêm as raízes doentes.

Até hoje 77% das mulheres negras nunca casaram oficialmente, em 2019, de todas as mulheres negras 77% nunca casaram, porque o branco não casa conosco, o negro não casa conosco, nós estamos abaixo da pirâmide com 40% do salário do branco, mesmo ocupando o mesmo cargo e possuindo os mesmos títulos e efetuando a mesma tarefa, com certeza seu salário será muito menor. Essa situação apresenta para nós um grande quebra-cabeça insuportável e ao mesmo tempo extremamente eficaz. Uma de minhas melhores amigas falou uma coisa que me deixou chocada, ela me disse "ai você não gosta mais tanto assim de sexo, eu sempre achei que as

mulheres negras fossem mais quentes”, olha esse preconceito!

No patriarcado e no machismo essa foi a forma da abordagem do sexual, devemos perceber também que a pornografia é quem vai nos educar e ela está trazendo essa forma estereotipada da sexualidade. Se analisarmos os vídeos baixados na internet, veremos que 58% dos vídeos baixadas todos os dias são de pornografia, sendo “novinha” a palavra mais procurada no google brasil. Então proibimos a pedofilia, mas a maior narrativa da pornografia é a pedofilia.

Eu como mulher negra, eu tive que apagar de mim a hipersexualização até eu ter meu filho que despertou meu kundalini e percebi o quanto tinha me proibido mesmo de curtir o sexo por justamente esse clichê da hipersexualização da mulher negra. Eu não queria cair nesse clichê, eu não queria que as pessoas me enxergassem como uma mulher hipersexualizada, então eu cortava minha dimensão de poder gozar, de poder explorar minha sexualidade. Com certeza hoje pelo Brasil ter me mostrado outros caminhos de empoderamento, de resgate da minha autoestima, eu percebo o quanto temos que mudar essa narrativa, deixar as mulheres negras explorar, curtir, descobrir sua própria sexualidade, somos seres humanos que precisam ser respeitadas no amor, no sexo, nesse ato de conexão que é o sexo, mais saindo também desse roteiro da pornografia, do patriarcado e do machismo.

## **ALINE NEGRINDÍA**

Aline Soares dos Santos (Negríndia) é escritora, natural de Entre-Rios/Bahia, reside há 7 anos em Aracaju-SE de onde não pretende ir embora tão cedo, terapeuta holística, produz *O r g o n i t e s* (dispositivos transmutadores de energia) e trabalha com questões ligadas à cura feminina e espiritualidade, além de ser mãe de Lewá, a Bela.





## ÓMNIRA

Quando dona Lindalva engravidou, foi uma alegria só naquela pequena casa do interior da Bahia! Seu esposo, Hermes, todos os dias pensava em um nome diferente e estrambólico para o rebento que estava pra nascer. Dona Lindalva, que era muito prática, resolveu fazer a junção dos nomes dela e do marido - coisa que Hermes abominava - mas, vendo que o resultado não saiu tão ruim, aceitou. Assim que a criança nasceu, dona Lindalva e seu Hermes a chamaram de Hermelinda. Após sete dias do nascimento de sua primeira e única filha, dona Lindalva e seu Hermes levaram a menina para ser apresentada aos Orixás e esta foi consagrada para a Orixá dona das águas dos mares: Iemanjá. Foi uma festa só, no pequeno terreiro de candomblé. Toda a comunidade reunida para receber a mais nova integrante. Muita comida, aluá e atabaques que festejavam o início de mais um Odú aqui no Ayê. Dona Lindalva era uma mulher de muito estudo - diferente de seu Hermes, que só estudou até o ginásio, mas trabalhava muito e, por isso, cresceu na vida, virou microempresário e o casal se mudou para a capital assim que dona Lindalva passou no concurso público para ensinar na Universidade Estadual. Hermelinda cresceu com uma boa educação escolar, cheia de mimos, com acesso a livros, a boa alimentação e contato com a religião dos orixás. Ao longo do caminho, foi entendendo aos poucos como tudo funcionava no terreiro, como era a relação homem/orixá e

sempre soube que, sem os orixás, os humanos não eram ninguém - até poderiam nascer, crescer, reproduzir e morrer, como aprendera na escola, que é o ciclo natural da vida. Hermelinda era negra, tinha os cabelos cacheados e ficava intrigada porque o cabelo não crescia tanto como o cabelo das suas amigas. Ouvia tanto falar que as filhas da Orixá para a qual foi consagrada tinham a sorte de terem cabelos longos e bonitos, mas o dela, por ser muito cacheado, quando muito crescia passava alguns centímetros da altura do ombro. A rotina de Hermelinda não era cansativa. Brincava como todas as crianças e, quando havia os compromissos religiosos, ela e seus pais viajavam para o interior onde ficava o terreiro. Ela adorava as festas para os orixás! Tinha aprendido, desde o berço, a amar e a confiar em sua Orixá dona dos mares - ela dizia ver e conversar com Iemanjá. A única coisa que ela não gostava muito era de dormir bem na hora em que as festas começavam e só acordar no final, quando os orixás já estavam dançando para ir embora. Ela achava aquilo muito chato - afinal, não aproveitava nada -, mas adorava ouvir os relatos das outras crianças, sobre quem recebeu o Orixá, quem deixou de receber, qual era o grito do Orixá de cada pessoa, a forma que dançou... as crianças tomavam conta do terreiro quando os Orixás se recolhiam e a maioria da gente de fora ia embora. Ali começava o xirê das crianças. Hermelinda adorava ver adultos falando e se comportando como ela, como as demais crianças, adorava quando chegavam os erês! A brincadeira durava até um pouco mais e os doces eram mais que bem vindos e permitidos. Na adolescência, Hermelinda

começou a olhar todo aquele universo de modo diferente. As idas e vindas ao terreiro no interior da Bahia já não eram tão divertidas. Ela tinha sua vida, seus amigos e sua rotina na capital. Ir e vir mensalmente lhe deixava saudosa de tudo que ela mais gostava na cidade grande. Sua mãe conversava e tentava lhe mostrar que o compromisso com os Orixás deveria vir em primeiro lugar e, mesmo contra a vontade de Hermelinda, ela continuava indo a todas as festas do terreiro. Sua fé era inabalável, ela só não queria estar ali. Seu amor por seu Orixá ainda era grande, mas não tão grande a ponto de ir feliz ao compromisso religioso. No auge de seus quinze anos, Hermelinda teve um dos sonos repentinos e, quando acordou, estava no quarto, naquele quarto que muitas pessoas sonhavam um dia ficar. Hermelinda ficou desesperada - ela sabia que quem entrava naquele quarto só saía depois de um mês, carequinha, cheia de proibições, às vezes por três meses, às vezes por mais meses, às vezes por um ano. Quando dona Lindalva e seu Hermes, acompanhados de mãe Juvina, entraram no quarto para conversar com a filha, a menina estava chorosa. Não parecia feliz e aquilo entristeceu muito seus pais que, no dia de sua apresentação aos orixás, com sete dias de vida, sonharam tanto com aquele dia - o dia em que Hermelinda ficaria dormindo no quartinho e acordaria consagrada definitivamente para a Orixá que ela escolheu! A conversa foi longa, durou horas. Seu Hermes, que ocupava um posto grande dentro do terreiro, não se conformava com a ira da filha, com tamanha negação, já que ele a preparou para esse dia, o dia em que ela dormiria Hermelinda e acordaria uma filha de

Iemanjá, como mandava a tradição Iorubá. Dona Lindalva, com todo seu amor de mãe e filha de outra Orixá das águas - só que das águas doces - tentava deixar sua filha segura, mas, como toda filha de Oxum, a paciência não era tão grande como circula no imaginário coletivo, como diziam ser os arquétipos das filhas de Oxum - até porque, a diferença de dona Lindalva era que Oxum Apará foi quem a escolheu e, mais que muitas filhas de Oxum, a paciência dela não era tão longa assim. A partir daquele dia, e durante os 45 dias subsequentes, Hermelinda dormiu e acordou naquele quarto, ouvia e aprendia rezas, cantigas, comia, dormia e só saía do quarto para tomar banho - mesmo assim, coberta com um lençol branco para que ninguém, além de seus pais, mãe Juvina e Ojubonã (mãe Lalá), pudessem lhe ver ou conversar com ela. Hermelinda sentia que algo estava mudando dentro dela, mas se sentia presa, se sentia sufocada, se sentia triste por um lado e feliz por outro. Ela iria poder vestir roupas que não poderia antes! Entendeu que suas dormidas, desde criança, eram o momento que sua Iemanjá vinha em forma humana para a terra e se sentia feliz por ser o portal escolhido, a pessoa escolhida por uma energia tão maior que ela, tão maior que seus pais, tão maior até que mãe Juvina e que mãe Lalá. Ela lembrou todas as pessoas que ficavam tão grandes quando seus Orixás chegavam. Hermelinda só não queria ficar igual aos adultos -crianças dos finais da festa... achava que ficar de erê era pagar mico. Pedia a dona Lindalva, pedia a seu pai Hermes, pedia a mãe Juvina e a mãe Lalá que não a deixassem ficar daquele jeito, com voz de criança, comendo doces junto com as demais crianças

porque, para Hermelinda, aquilo era pagar mico! Mãe Juvina e mãe Lalá riam e explicavam a ela a importância dos erês para os orixás, e também para ela. O grande dia chegou! Entre conversas, rezas, banhos, cânticos e ensaios, Hermelinda acordou carequinha, renascida. Sentia sua energia diferente, sentia-se mais forte, sentia Iemanjá pertinho dela, como se estivesse mesmo ao seu lado, como se, às vezes, fosse uma só. Ela estava feliz! Ao mesmo tempo, ainda se sentia presa - ela não sabia bem a quê se sentia tão presa... Talvez os compromissos religiosos tivessem outro sentido para ela. A partir dali, tomou um banho, fez mais uma de várias limpezas, ofereceu comida aos seus orixás, não só a Iemanjá, mas a todos os outros que deveria e que também eram seus - e ela deles -, tomou mais outros banhos, vestiu-se, dormiu, acordou no quartinho rodeado de flores, de comida, de alegria... Ficou radiante! Sentia-se agradecida... Mas ainda se sentia presa. Mas que prisão era aquela, que ela não conseguia entender? No tempo certo, saiu do quartinho. Já poderia circular na casa, nas casas todas do terreiro - ainda não podia comer várias coisas, fazer outras várias, se sentia mais presa do que antes. Tinha que se comportar de outra forma, sempre de cabeça baixa, sempre sentada em um banquinho baixo, bem baixinho, sempre comendo de mão, com pratos e copos de esmalte, sempre falando baixo, sempre vestindo branco, sempre de cabeça coberta e baixa, toda hora que chegava alguém "maior", ela tinha que se abaixar, se ajoelhar, tinha que tomar a bênção aos mais velhos, de cabeça baixa, sempre no baixo, sempre com a voz quase inaudível.

Hermelinda se sentia presa... se sentia só, não podia reclamar de nada, não podia falar nada, não podia olhar nos olhos da mãe, do pai, de mãe Juvina, de mãe Lalá, não podia conversar muito e não podia mais tantas coisas... presa e triste. E toda aquela alegria que vivera naquele dia, no grande dia? E todo imaginário de que seria diferente, que seria mais bem tratada, que seria quase que a própria Iemanjá?! Às vezes, Hermelinda queria sair. Não ir mais ao terreiro, dizer a dona Lindalva que não queria mais ser da religião, dos orixás, que amava Iemanjá, mas se sentia presa... perdia a coragem quando via, nos olhos de seu pai Hermes, tanta alegria, tanto orgulho. Hermelinda cresceu, cresceu na idade, cresceram também suas obrigações dentro do terreiro, cresceu também sua responsabilidade na escola - terminara o colegial, o ensino médio e, agora, cresceu a responsabilidade de passar no vestibular. Dona Lindalva não aceitaria pagar faculdade. Por seu Hermes, tudo era válido. Ele pagaria, sim, uma faculdade particular, mas, para dona Lindalva, Hermelinda passar na Federal da Bahia era questão de honra! Teria que fazer licenciatura, seja lá para o que fosse! Ela teria que dar aula, ser professora, honrar e continuar a tradição de todas as mulheres da família "Nagô" - sobrenome da mãe, herdado de muitas lutas desde que os primeiros africanos vieram escravizados de África. Hermelinda até queria fazer vestibular, mas essa obrigação de passar na Federal e ter que dar aula, ter que ser só professora, só servia para mais uma coisa: sentir-se ainda mais presa. Fez vestibular, passou em terceiro lugar - menos mal -, o curso de pedagogia foi o que Hermelinda

escolheu. Conheceu o movimento negro, tornou-se ainda mais negra! Eram tantas informações! Conheceu Pepeu na faculdade... apaixonou-se por ele. Pepeu era negro como ela, era lindo, não era alto, era baixinho, trançava os cabelos, tinha voz macia, era educado, cavalheiro. Pepeu era radical, sonhava com uma família preta - mulher tinha que ser preta como ele, para casar tinha que ser do movimento, tinha que ler muito, tinha que gostar de poesia, tinha que gostar de literatura, de contos, de saraus, festas negras, tinha que estar no rol da intelectualidade negra da Bahia - não só da capital, mas da Bahia. Pepeu sorria, Hermelinda derretia-se em flores, em corações. Finalmente, em uma das rodas de poesia da faculdade, Pepeu a notou. Hermelinda estava com um lindo vestido amarelo e branco - ela amava roupas longas, adereços, seus cabelos sempre soltos, cacheados. Pepeu a olhou de maneira diferente. Ela havia acabado de ler uma poesia, de Cuti, pois não sabia declamar nem parecia ter forças para isso. Mas, enquanto lia pausadamente, ela o olhava, o convidava para um beijo... ele a acompanhava, olhava fixo para os lábios da moça. Na segunda rodada, ela, encorajada pelos olhares provocantes de Pepeu, novamente leu Cuti. O poeta dizia, através dos lábios pretos de Hermelinda: "A poesia, mar de harmonia, viaja-me em ondas de sonhos para melhorar o mundo". Os olhares todos se voltaram para Hermelinda, que dessa vez lia com tanta paixão que parecia sussurrar. Naquela noite, Pepeu e Hermelinda conversaram - conversaram tanto que esqueceram a hora! Só se deram conta quando o guarda da faculdade veio avisar que fecharia a unidade.

Saíram do campus, conversaram mais, se beijaram, começaram a namorar um namoro longo, pareciam feitos um para o outro. Começaram a escrever, juntos, na mesma época. Ele escrevia contos, ela poesia. Ele seguia no curso de história, ela de literatura. Formaram-se com um semestre de diferença do outro. Pepeu a pediu em casamento - ela ficou com medo, um único medo: de se sentir presa. Não aceitou, continuaram a namorar. Pepeu começou a ficar conhecido, seus contos começaram a ser publicados em coletâneas de escritores negros... as poesias de Hermelinda também. Ela ganhou dimensões maiores, viajou o Brasil todo, viajou para países, lançou livros individuais... Pepeu não conseguia acompanhá-la, se sentia só, se sentia livre, começou a se interessar por outras escritas, por outras escritoras, por outras poetizas. Ao voltar de uma viagem, Hermelinda percebeu Pepeu estranho. Conversaram, terminaram. Pepeu continuava se sentindo livre, Hermelinda continuava a se sentir presa. Em tantos sentimentos, em tanta raiva, em tantas mágoas passadas de toda sua vida. Culpou sua Orixá, culpou a religião, culpou o mundo - não se sentia culpada por nada daquilo! Apenas se sentia presa, sentia-se presa pela religião, pelo cuidado excessivo dos pais, se sentia presa ao sentimento que ainda tinha por Pepeu, presa aos seus alunos, se sentia presa à docência, se sentia presa à vida! Acordou um dia com o pensamento fixo: sua menstruação não havia chegado! Era tempo, era a data certa, ficou encucada - na última vez que esteve com Pepeu, não se protegeram, não usaram camisinha, ela confiava tanto nele! Nem precisava. Também não tomou contraceptivo, não tomou



pílula do dia seguinte. Chorou muito com as mãos na barriga, encolheu-se na cama em posição fetal... não poderia estar grávida! Já se passaram dois meses do último encontro com Pepeu antes do término, não era possível! Iemanjá não permitiria que aquilo acontecesse! Se sentiria presa com um filho ou uma filha, logo agora que terminara com Pepeu, logo agora que parecia estar se libertando do sentimento dedicado e guardado para ele, logo agora que, em breve, sairia seu próximo livro de poesias por uma editora tão respeitada entre os escritores negros, não poderia ser verdade! Não dormiu aquela noite, nem a noite seguinte. Sentia-se perdida. Não sabia com quem conversar, era mulher de poucos amigos e não queria contar aos seus pais. Ficou presa ao medo de decepcioná-los, ficou presa ao medo de contar a Pepeu e ele achar que era um golpe. Dormiu de tanto chorar numa tarde de sol e calor, ali mesmo no tapete da sala. Acordou inundada, inundada de medos, de prisões, de segredos, de sangue... tomou banho, colocou um absorvente, correu para o hospital mais próximo - ela, sozinha, em meio a tantas dúvidas, tantos medos, tantas prisões, tanta solidão. O médico plantonista a atendeu, aquela inundação não era à toa. Ali se configurava um aborto. Para ela, não era espontâneo, não foi escolha dela. Abortava de uma gestação de aproximadamente dez semanas. A dor aumentou - não somente das cólicas, das contrações do útero expulsando o feto, do corpo rejeitando aquele corpo estranho que tentava se formar dentro dele... a dor era da alma, era da rejeição de Pepeu, era da culpa que colocava em sua Orixá, era da soberba que já estava tão grande,

dentro dela, que pesava mais que qualquer outro sentimento. Aquela inundação de sangue, que perpassava o caminho da alma e do coração, a fazia se sentir presa - a juramentos de si para si, a juramentos de melhoria, de vingança, de raiva, de ódio, eram juramentos de uma vida melhor para si, onde nenhum homem jamais a faria sofrer, ninguém jamais a convenceria do que ela não quisesse fazer, se entregaria aos estudos, à docência, à escrita, mas não mais a um homem, não mais ao que ela não acreditasse realmente. O procedimento médico foi todo feito, medicação, curetagem e só de manhã a notícia: ela estava vazia! Oca! Não deveria esperar nunca mais por um filho! Este, não viria devido a um problema nos ovários. Tudo lhe foi removido, inclusive o útero. Não mais geraria uma vida - tão jovem, tão nova, aos trinta e poucos anos, porque sua Orixá permitiu isso? Porque não a avisou? Onde estava Iemanjá que nada fez? E os outros Orixás? Como arrumaria um novo namorado e como falaria a ele que não poderia mais ter filhos? Hermelinda chorou desesperada. Estava ali, deitada, só, se sentindo presa, presa a mais uma dor, a mais uma desesperança. Agora mesmo que não poderia mais ter Pepeu de volta, agora sim estava realmente seca - palavra que Pepeu usou como uma das justificativas do término: "Você está fria, está distante, cheia de soberba e seca! Acha que é melhor que os outros?! Olha por cima dos olhos para qualquer pessoa, desvaloriza quem está começando, quer invisibilizar quem já está sendo vista, quem já é reconhecida, quem já tem história... você está seca Hermelinda! Você não ama, nem considera ninguém, com essa voz baixa, com jeito de quem é dócil... você,

Hermelinda, ficará sempre presa a você mesma! A sua vaidade. E assim morrerá, seca!!!". As palavras de Pepeu não paravam de ser repetidas em seus ouvidos, em sua memória, a raiva por Pepeu só aumentou e Hermelinda só chorava. A cabeça já explodia, as lágrimas já secavam e Hermelinda continuava ali, presa no medo das lágrimas secarem e as palavras de Pepeu se tornarem mais verdade ainda... ela morreria assim, seca! Adormeceu em meio aos medicamentos. Adormeceu na cama do hospital, só acordou em sonho, no meio do mar, à deriva, sem barco, sem remo, sem boia, sem sustento algum... o mar calmo, sem ondas, nem parecia ter correntezas... foi puxada para baixo, não sabia nadar. Entrou em desespero! Estava lá, no meio e no fundo do mar imenso! Mergulhou, mergulhou para o fundo, em seu sonho... ela poderia ser livre, se morresse ali afogada. Ao chegar bem no fundo, encontrou uma passagem, grande, verde, azul, branca, não sabia ao certo... era meio perolada, perolada com azul e verde. Ouviu uma voz. Orixá Iemanjá dizia para que ela não temesse. Estava em casa. Estava com ela, sua mãe maior, sua Orixá, dona de sua vida. No sonho, ela dormiu... dormiu nos braços de Iemanjá, que lhe ninava cantando uma cantiga que dizia: "Não chore filha minha, não chore pela prisão... essa você mesma criou dentro do seu coração... não chore filha minha, é hora de se libertar... fazer as pazes comigo e se reencontrar. Não chore filha minha você é água, é luz é filha de Iemanjá". Hermelinda acordou serena, acordou em paz. Sentou-se na cama, esperou esfriar o corpo, tomou um banho, lavou os cabelos com os olhos fechados embaixo do chuveiro. Conseguiu ouvir

nitidamente a cantiga do sonho: "Não chore filha minha, não chore pela prisão... essa você mesma criou dentro do seu coração... não chore filha minha, é hora de se libertar... fazer as pazes comigo e se reencontrar. Não chore filha minha você é água, é luz é filha de Iemanjá". Can tarolou a música baixinho, sussurrou como se estivesse se ninando. Saiu do banheiro, penteou-se, adornou-se. Esperou o médico que lhe deu alta, foi para casa. No caminho, pensando em tudo, pensando na vida, se sentindo ainda oca, começou a sentir algo diferente - parecido como naquele dia, do grande dia! Seguiu com o carro até o terreiro. Mãe Juvina lhe esperava na porteira. Ajoelhou-se, bateu cabeça. Mãe Juvina disse que mãe Lalá lhe avisara que ela chegaria naquela manhã. Mãe Juvina ligou para dona Lindalva e para seu Hermes, disse que Hermelinda estava lá. Mãe Juvina e mãe Lalá providenciaram tudo: deu as bebedeiras necessárias para a cura das partes de dentro das mulheres. Hermelinda foi para o quarto - aquele quarto que muitos queriam ir, que ela já tinha ficado. Dessa vez, Hermelinda não dormiu a festa toda. Ficou acordada, recebeu um cargo, recebeu um posto, receberia filhos logo em breve, recebeu também sua Orixá, que veio festejar através dela a volta da filha para casa, para suas origens. Hermelinda acordou leve, acordou se sentindo meio livre, ouviu, sentiu que ouviu, sabia que estava em sua memória: - ÓMNIRA ... ainda faltavam alguns acertos. A música continuava a cantarolar em seu coração, em sua mente: "Não chore filha minha, não chore pela prisão... essa você mesma criou dentro do seu coração... não chore filha minha, é hora de se libertar... fazer as

pazes comigo e se reencontrar. Não chore filha minha você é água, é luz é filha de Iemanjá". Hermelinda entendeu ali, diante dos que a acolheram com sete dias de nascida, o que era prisão... O que era ÓMNIRA... o que era Orixá... O que a prendia de verdade. Reconheceu que estava cometendo com Malik, seu atual namorado, os mesmos erros que cometeu com Pepeu. Percebeu o quanto continuava arrogante, mesmo com voz mansa, com todos aqueles que, por amizade, confiança, admiração e respeito, lhe pediam, sem compromisso, para ler suas primeiras escritas - fossem contos ou fossem poesias. Percebeu que estava colocando o dinheiro, a vaidade e a intelectualidade negra acima de tudo, magoando, em nome de suas verdades, a pessoas que a tinham como referência, como inspiração... Através de palavras secas, de observações maldosas. As palavras de Pepeu só agora poderiam ser analisadas melhor. Só ali, quando ela alcançou a paz de espírito, só ali, diante de sua Orixá, nas suas raízes e origens, Hermelinda pode perceber que todas as coisas que ela cultivava, achando serem certas, a aprisionavam... Só ali, diante de seu próprio e enorme espelho - a sua consciência-Hermelinda - percebeu que poderia ser livre, que ÓMNIRA significava liberdade... assim que cerrasse as grades que ela mesma havia construído em si. A prisão da soberba, da vaidade, do achar que apenas ela tinha razão. Que somente as águas dela brilhavam. Que somente ela escrevia palavras pretas. Que somente ela deveria ser aclamada, admirada. Só ali, escutando aquela música que ouviu sua mãe Iemanjá cantar em seus sonhos, e que ecoava em alto e bom som em seus ouvidos, junto com a palavra

ÓMNIRA, Hermelinda entendia que sua única prisão era ela mesma. Hermelinda reuniu as crianças após os Orixás se recolherem e cantou, acordada, como só acontecia quando era criança: "Não chore filha minha, não chore pela prisão... essa você mesma criou dentro do seu coração... não chore filha minha, é hora de se libertar... fazer as pazes comigo e se reencontrar. Não chore filha minha você é água, é luz é filha de Iemanjá".



## **AMANDA AMANI**

Amanda Amani é mulher preta, da região do Jardim São Luiz, na zona Sul. Começou a escrever sobre sexo, afeto e cuidado após a necessidade de ser narradora de sua história, desejos e experiências, sem o véu da hiperssexualização.

## Os calores de Rá

Relação animalesca,  
Instintiva e calorosa,  
Me transborda ancestralidade  
Enquanto me aquece o sangue  
no teu quente e iluminado corpo-templo.  
A só(i)s  
Me contorço,  
Como em uma dança solitária  
De braços abertos,  
Nua,  
Dourada,  
Esperando ser tocada,  
Esperando ser cultuada,  
Vinde a mim, meu sol.  
Decifra-me.  
Transita-me.  
Da mais longa trança ao mais curto dedo.  
Atravessa-me,  
Devora-me,  
De leste a oeste,  
sem perder seu caminho.  
Vem e me invade.  
Me aquece o peito descoberto  
Me cobre,  
Com esse outro tom que é teu.  
E eu,  
bicho solto sem rumo,



viro bicho manso de rumo dado  
Desfrutando do seu canto,  
Do teu cheiro  
De tua companhia...  
Faz de mim teu gozo!  
Faz de mim teu toque.  
Que me doou aos teus desejos,  
divido nossos gostos,  
Aqueço.  
E em cada arfar, farei tempestade  
Molhando mais que a terra que nos pari...  
Cada aperto, farei terremoto  
Tremores quentes de um corpo-terra-preta  
Que anseia,  
E se contorce  
com sangue frio na pedra quente,  
Esperando um afago ardente,  
numa troca de calores.  
Não sou dona,  
tampouco coisa tua  
Mas me aproprio do seu prazer e faço dele meu,  
Faço dele, nosso,  
E faço por ele,  
sóis.

**ANA LÚCIA  
LOURENÇO  
(ÉÉFÍN RÍN)**

Goiana residente em  
Vitória - ES,  
professora e mestra em  
geografia, produtora de  
moda, figurinista,  
ilustradora e poeta.



## **“Encontro de águas” ou “O que provoca a ressaca do mar?”**

Te ofereço a calma dos meus melhores dias de recomeço  
Conversas longas na beira do mar e nas redes que pescam a  
humanidade

Fui/sou humana

Te dedico meu desejo dividido ao meio

A sua parte é sua e de mais ninguém

Mergulho nas suas águas sem medo

Descubro o quanto é gigante e profunda

Te dou a plenitude dos meus rios cristalinos

Com águas calmas e abundantes

Te toco como música com a boca, com os dedos

Dedilho cada parte do seu corpo

Buscando descobrir seus sons, seus tons, suas cores

Me encanto por sua arte e me redescubro arte em você

Canto e danço mergulhada em suas águas

Tenho sede incessante e me descubro rio, correnteza

Rápida, certa, indo de encontro ao mar

Batizada nas suas águas, renasço

Mergulhada nas suas águas

Nas profundezas do mar de você

Nossas águas se misturam em desejos incessantes  
Movimentos coordenados como as ondas do mar  
E me aprofundo cada vez mais  
Provocando tempestades que duram dias e noites

[Enquanto fecho os olhos, não percebo a intensidade dos  
ventos, o mar se agita produz ondas fortes sobre si mesmas  
e provoca devastação no litoral]



## **ANA TERRA ARAÚJO**

Ana Terra Araújo, 25 anos, nascida e criada em Salvador. Bacharela e Licenciada em Ciências Sociais (UNEB). Especialista em Sociologia (UFBA). Atualmente, mestranda em Literatura. Envolvida com pesquisas sobre literatura erótica contemporânea e feminismo. Tomada pela intensidade das artes, gosta de escrever e fotografar; afinal de contas, fazemos o que há de melhor com a nossa vida e, da minha, eu decidi fazer arte.

## **o dia em que ele me transformou em um deserto**

hoje ele chegou mais cedo em casa  
disse que teve um dia difícil  
precisava relaxar e estava com o corpo tenso  
me abraçou por trás  
cheirou o meu pescoço  
e continuo a falar sobre seu dia  
sem sequer perguntar como tinha sido o meu  
continuava demonstrando que queria liberar sua tensão no  
meu corpo  
me virou abruptamente  
com a mão na minha nuca  
começou a beijar minha boca  
de um jeito que demonstrava que ele estava ansioso para  
gozar  
beijava minha boca  
chupava o meu pescoço  
ousei perguntar se ele não queria ir pro quarto  
ofegante e vociferando disse que não precisava  
que seria tudo bem rápido  
me levantou e me sentou no balcão da cozinha  
levantou meu vestido  
puxou minha calcinha pro lado  
e me preencheu  
eu nem estava molhada

mas ele estava muito ocupado querendo se livrar do seu dia  
de merda  
esperando que ao gozar tudo se resolvesse  
sentindo que estava um pouco áspero  
ele tirou o seu pênis de dentro de mim  
chupou dois dos seus dedos  
e passou na minha vagina  
acreditava que isso era o suficiente  
voltou a me penetrar  
entrava  
saía  
até que parou de sair  
e começou a penetrar ainda mais fundo  
era como se estivesse estocando um saco pronto para  
estourar  
a respiração dele começou a falhar  
ele começou a ficar vermelho  
afundou sua cabeça no meu pescoço  
e gozou  
saiu de mim  
deu um beijo na minha boca  
e disse que me achava maravilhosa demais  
ele já parecia mais leve  
mas agora quem estava tensa era eu  
e precisava cuidar disso sozinha  
já que agora além de leve ele estava roncando no sofá  
entrei no quarto  
puxei minha calcinha para o lado  
massageei meus lábios

os de baixo  
fui fundo  
me derramei nos meus dedos  
gozei  
s-o-z-i-n-h-a  
porém mais acompanhada  
do que eu estava a minutos atrás



## **entre blues, gozo e vinho.**

eu nunca soube ao certo  
o que o corpo dele fazia comigo  
bastava ele chegar perto  
que eu sentia tudo estremecer por dentro

quando ele me tocava  
sem nem perceber minha respiração pesava  
meu peito subia e descia

esse movimento era o suficiente para ele achar que era um  
convite  
rapidamente começou a se deliciar com meus seios  
apertava  
mordia  
chupava  
beliscava  
passava a língua no bico do meu peito  
e eu arfava  
o desejo já estava me deixando louca  
e se ele não me preenchesse  
naquele momento  
eu não aguentaria por muito tempo  
lendo meus pensamentos  
e meu corpo  
ele entrou em mim

de vez  
o convidado mais presente nos últimos tempos  
nossos corpos se balançavam no mesmo tempo  
ele entrava e saía  
e me apertava  
meu quadril me empurrava para frente  
pedindo mais e mais dele  
mais fundo  
mais intenso

até que disse em um sussurro que ia gozar  
e era só o que eu precisava  
para cravar minhas unhas nas suas tatuagens  
e me derramar junto com ele  
ouvindo blues  
e sentindo seu hálito de vinho no meu pescoço  
gozamos juntos  
mais uma vez.



## **Ariane Mattos**

Nascida e criada na zona norte de São Paulo no bairro Vila Zilda, estudante de Ciências Sociais, jovem empreendedora negra pansexual ativista feminista e futura professora de sociologia.

## **Apenas meu**

*Cada sussurro  
Cantado aos pés do ouvido.  
Cada toque  
Arrepios e respiração.  
Respiração essa ofegante.  
Já não me lembro de quem sou ou era.  
Cada pedaço me inspira.  
Pedaço esse apenas meu.  
Seu deslize e encontro  
Ele estava certo o sino é dourado.  
Assim eu chego.  
Sozinha e satisfeita  
E em segundos descubro o que até então não poderia me  
pertencer.*

## Quais as regras ?

Eles dizem não

Eles dizem tire a mão daí.

Eles dizem é papel meu.

Eles

Eles

Eles

Agora digo eu, era mentira o que assistiam em loop  
repetidamente.

Descobri sozinha, me julgando ser frígida. meu desejo  
habitava apenas em mim, ele estava guardado, você lembra a  
sua primeira vez? Não falo daquela primeira desastrosa. Não  
lembre desse momento.

Digo a sua primeira vez com apenas você.

Descobrir, fuçar, roçar, tocar e encontrar.

A batida do coração, a sensação de culpa e depois um alívio  
Acelerado, depois calmo.

Culpa que após adulta e desconstruída se explica no  
patriarcado e some.

Alívio, paz e acalanto na alma.

É se descobrir mulher e auto-suficiente.

Somos donas.

Elas são vidas

Elas são tão fortes

Elas são mulheres

Elas

Elas

Elas...

## **A solidão da mulher negra**

Como posso deixar a minha felicidade em suas mãos.  
Tenho uma busca incessante em ter amor e aprovação.  
A sensação de estar fazendo e só, ela não passa de um dia  
para o outro.

Chego à conclusão que não é minha postura, não são meus  
amigos, não é minha classe social.

É porque sou preta.

Sim, o termo correto é preta.

Diferente das Barbies de Malibu eu tenho curvas,  
personalidade, autenticidade e sei onde está o meu prazer.

Não finjo mais orgasmos para a sua aprovação e não me  
submeto a ter um padrão para o seu amor.

Não me sinto solitária, foram vocês que me colocaram na  
solidão.

E eu aprendi a colocar a cabeça para fora e respirar fundo  
o ar da liberdade em dizer.

Eu estou só, por escolha de não ser apenas uma preta por  
raça.

Estou só porque você não é capaz de entreter e cativar uma  
verdadeira preta.



## **Barbara Falcão**

Barbara Falcão, escritora, autora e professora de Língua Portuguesa e Espanhola, é formada em Letras pela USP. Especialista em Mídias Digitais e Design Instrucional, atualmente cursa o mestrado profissional para professores de Português também na Universidade de São Paulo. Publicou contos e poemas em diversas coletâneas. Também é fundadora e organizadora do Bloco Siriricando, de visibilidade lésBi, no carnaval do São Paulo.

## **A vulva brilha**

no instante  
em que se abre  
e convida  
con-sentimento  
a que se chega  
à vagina  
querendo  
que demore  
no clitóris  
a língua  
enquanto vida  
tenho ainda,  
estremeço  
nos seus dedos  
E, assim, linda  
a vulva brilha



## Como usar o clitóris

No machismo linguagem  
De cada dia?  
Qual moral aceitaria  
A vulva na boca,  
A buceta nos lábios,  
A língua na vagina?  
E no almoço heteronormal  
Poderia ser servido  
Xoxota sem pau?  
E na escola hoje é possível  
Ensinar as crianças  
A usar a libido?  
Por que a menstruação  
Tem q ficar no banheiro,  
O sexo no quarto,  
E o pudor no corpo inteiro?

## **Minhas pernas**

O mundo inteiro é seu lugar  
Cosmopolita de todas as eras  
Mas o melhor para você estar  
É no meio das minhas pernas  
Você poderia ler, cantar  
Escrever obras eternas  
Mas imortal você só será  
No meio das minhas pernas  
Você pode até dizer que sou louca  
Tarada, ninfo, muito direta  
Mas nada disso importará  
Com você no meio das minhas pernas  
E se tudo isso acabar  
A sociedade e toda essa merda  
Ainda assim feliz vou ficar  
Com você no meio das minhas pernas



**CAROLLINA  
RODRIGUES (Ca  
Crocodilo)**

Ca Crocodilo, 25 anos,  
arte educadora,  
apaixonada pela  
natureza e suas  
diferentes formas e  
representações.  
Brinco de ser poeta e  
desenhista. A arte e a  
educação fazem uma  
linda dupla de  
conhecimento e  
rebelia e me  
acompanham por aí,  
dando sentido a vida.

Ca Crocodilo





**CAROL PABIQ  
(Ananindeusa  
Afro-Ameríndia)**

Car o l P a b i q ,  
Ananindeusa Afro-  
Ameríndia, é poeta,  
DJ, professora,  
m u l t i a r t i s t a  
amazônica do interior  
do Pará que honra seu  
lugar de fala na sua  
produção artístico-  
c u l t u r a l e  
intelectual.

## Honrar e Agradecer

Nós somos os sonhos das nossas ancestrais,  
Eu sou o sonho da minha avó,  
Ela tem um sonho pra mim.  
Às vezes a nossa cabeça dá um nó.  
Mas é com muita honra que recebo isso,  
Com coragem e medo, com fé.  
Eu só quero ter firmeza  
Para seguir com dignidade esse caminho.  
Felicidade mora na gente, não tem endereço.  
Agradeço por nunca terem me deixado sozinha  
Mesmo nos momentos de incerteza e tristeza,  
Mesmo nos dias de dor e fúria.  
Só agradeço!



**CÁTIA LUCIANA  
PEREIRA (Catita)**

Mulher, negra, professora, pesquisadora, "escrivinhadora", paulistana, filha, tia, amiga, amante... Prosa e poesia me germinam entrelaçadas. Escrevo porque me dói, escrevo porque me sereniza. Cotidiano, memórias, negritude e os sentimentos de meu mundo imaginário estão no [blog www.letrascatitas.blogspot.com](http://www.letrascatitas.blogspot.com). O livro MORADA, publicado Editora Feminas, é meu primeiro livro solo (2019).

## De manhã

Na sua cama  
Beijo o sulco de suas costas  
Longas  
Mergulho em  
- como chama mesmo essa curva? -  
Sem dicionário.

Respiro sua nuca  
Danço em sua lombar  
Ligo os pontos.

Giro

Seio a seio  
Mãos, boca, dentes.  
Desculpe!

Na bronca,  
Suas pernas me polvam a cintura  
Brincamos com fogo.  
Ardeamos.

Na anatomia que recriamos  
Tesoura  
Dedos de valsa a samba  
Vulvas úmidas  
Quentes



Língua dentro-fora

Acordamos.

É minha a cama.

Você ainda dorme.

## **CELINHA REIS**

Célia Reis, também conhecida como Celinha Reis, escritora, poeta, percussionista do bloco afro Ilú Obá de min, membro do Selo editorial Me Parió R e v o l u ç ã o , participante do Sarau Elo da Corrente, Ativista Cultural, historiadora e educadora.



## **Eternecer**

Quando a lua adentra o quarto  
Deixando a tez Negra blue  
olhos já não veem  
enxerga-se pelo tato  
Cartografia em alto relevo  
Em si nua, sinuosa  
Pele úmida, excitação  
Olho d'água, corredeiras  
Mina todos os líquidos  
Água fluida  
Transborda, feito copo cheio  
Como quem bebeu tudo  
E ainda quer mais

## CLÁUDIA CANTO

Ter crescido na Cidade Tiradentes, bairro da periferia de São Paulo, não foi empecilho para Cláudia Canto conquistar seu espaço. Tornou-se uma profissional multifacetária: escritora, palestrante e apresentadora. Com uma vida nada comum, Cláudia Canto fez um livro de cada aventura e aprendizado. Hoje tem nove livros publicados, sendo o primeiro "Morte às Vassouras".



## O Suspiro da Deusa

A vida depois de uma certa idade, passa a ser mais erótica, menos pornográfica!

Faço amor sempre na companhia da divindade. No momento do gozo, no instante da pequena morte, Deus goza comigo. Ele participa do ato sagrado, desde a piscadela até o ápice do prazer. Nesses momentos ele ouve os meus murmúrios, meus gemidos, participa de tudo, até o meu desfalecimento completo. Algumas vezes ele se recusa a me acompanhar, reclama da minha pressa na escolha do parceiro, me diz que estou sendo afoita, que vou me arrepender. Mas eu, com a minha teimosia, deixo o meu instinto tomar a frente, insisto, persisto, para no dia seguinte me autoflagelar. Nesses momentos de retrocesso, é como se estivesse numa incubadora de mim, voltando a ser a lagarta que fui um dia. Sim, estou na idade da urgência, mas não da urgência superficial, matreira, prosaica, e sim, muito pelo contrário, profunda, batismal, poética e proibida. O belo encaixado no lugar que lhe compete e a essência no seu lugar raiz. Sim, os anos me trouxeram conforto e sabedoria, me alojei dentro de mim.

Essa sensação de plenitude me conforta, mas causa desconforto para os mais incautos, provoca, impõe e afasta. Viver a vida com erotismo e poesia dá trabalho, mas ao mesmo tempo satisfaz o corpo e regozija a alma. É algo como viver alinhada ao tântrico, ao divino, quase um encontro diário com a divindade.

O erotismo é a essência da vida, do belo, da inteligência.  
O erotismo está em tudo! Sem o erotismo nada é  
suficientemente pleno, profundo, sem o erotismo a vida é um  
mergulho no vazio!



## **CRISLEINE BORGES**

Crisleine para os íntimos e Cris para mundo, pesquisando as diferentes formas de existir do corpo negro, principalmente aquelas que nunca achamos ser possível. Tentando me formar em ciências sócias, deixando na mão do mundo, e procurando em todos os bares dessa cidade uma história para contar.

Nas noites sem falas  
Nas noites gritadas  
Em dias que o corpo é água a se derreter  
As minhas pernas procuram as suas  
A minha boca te grita pelas ruas  
Caminha em direção única  
E quando na sua cama o suspiro finalmente relaxa  
E nossos quadris se encaixam  
Na nudez única de duas  
Me vejo suspirar  
E me giram os olhos em sentidos opostos ao que você quer me  
levar  
Como um nada somos águas  
Que fluem em escalas até sermos mar  
A luz azul da lua é a única que a sua pele preta se permite  
captar  
As vozes caladas que seus vizinhos procuram para descansar  
São canções distantes dos gemidos constantes  
Que só com você sei pronunciar  
E mesmo quando as linhas da minha coluna são a única coisa  
para te apreciar  
Sinto seus olhares  
Nunca antes tão nos meus  
Daí você me bebe com a língua molhada  
Suada  
De mim  
E quando nem mais os dedos consigo levantar



Me deito em teus seios  
Desfeita de receios  
Como se por um segundo houvesse paz  
E nada mais.

## CRYOLLA FENIX

Rapper Feminista cantora de Black music, Cryolla passou por uma infância difícil e alguns relacionamentos abusivos onde sobreviveu ao feminicídio. Preta Mãe solteira tirou forças de sua história para compor suas músicas e fundar um coletivo que tem como objetivo instruir, amparar e ajudar mulheres que passaram o mesmo.



## **TOM**

Qual seu Dom?

Como pode?

Me dar prazer só com o olhar

Me excitar só com beijos me fazer querer

Beber de você por inteiro

Qual teu dom?

Me fazer enlouquecer de prazer com um simples toque ao amanhecer

Quando me olha eu já sei o que fazer

Eu já sei que você quer me ter quer meu prazer

Quer me ouvir dizer que é o único ao me dar prazer.

Qual seu Tom?

Tom de marrom ou caramelo

Só sei que a o Tom me entrego esquecendo todo meu ego

Ali sou refém, na sua cama nosso harém, me transformo em

100 até mil mulheres só pra te fazer gritar aos 4 cantos do quarto

Gozar em pleno ato

Te ativar ao ponto máximo até juntos atingirmos o perfeito orgasmo.

Quem é o Tom?

Tão vago às vezes tão amável às vezes instável

Mas de um gosto tão bom que nem o pecado

Não a nada mais gostoso que o Tom suado

Ajoelhado em mim entregue ao nosso pecado

Nossos corpos juntos amarrados entrelaçados

Já virou uma só alma, não a nada que desfaça

Meu tom

É o Tom de cor de caramelo de olhos marrons e membro ereto  
com um simples suspirar quando eu a ele de corpo e alma me  
entrego



## **DARA RIBEIRO**

Dara Ribeiro Mulher Negra , Mãe Solteira, Graduanda do curso de Serviço Social pela FAPSS, Criadora da marca EparreiOficial, Co-cordenadora do Mercado Negra, Co-coordenadora do I Acampamento Feminista Interseccional.

## **Venho trazer uma provocação**

Bem sabemos que ser preterida é algo comum para nós mulheres negras, que muitas de nós só fomos beijar muito tempo depois que colegas brancas, somos preteridas por brancos e negros, fato nada novo sobre o sol.

A provocação que eu trago é se as mulheres lésbicas e bissexuais negras são ou não são palmitadeiras? Sim, sei muito bem que para nós mulheres negras o preterimento é comum, mas vamos ao que os relatos de amigas e minha própria vivência mostram. Em conversa com amigas existe um número considerável de mulheres negras lésbicas e bissexuais reproduzindo o machismo sendo abusivas e preterindo outras mulheres negras sendo essas mulheres negras retintas e não tendo responsabilidade afetiva para com essas mulheres. Esquecendo que é muito mais fácil amar uma mulher branca, financeiramente bem sucedida, e emocionalmente bem e com a ideia de que estar com uma pessoa branca é o caminho à ascensão, a ideia que mulheres brancas dão segurança.

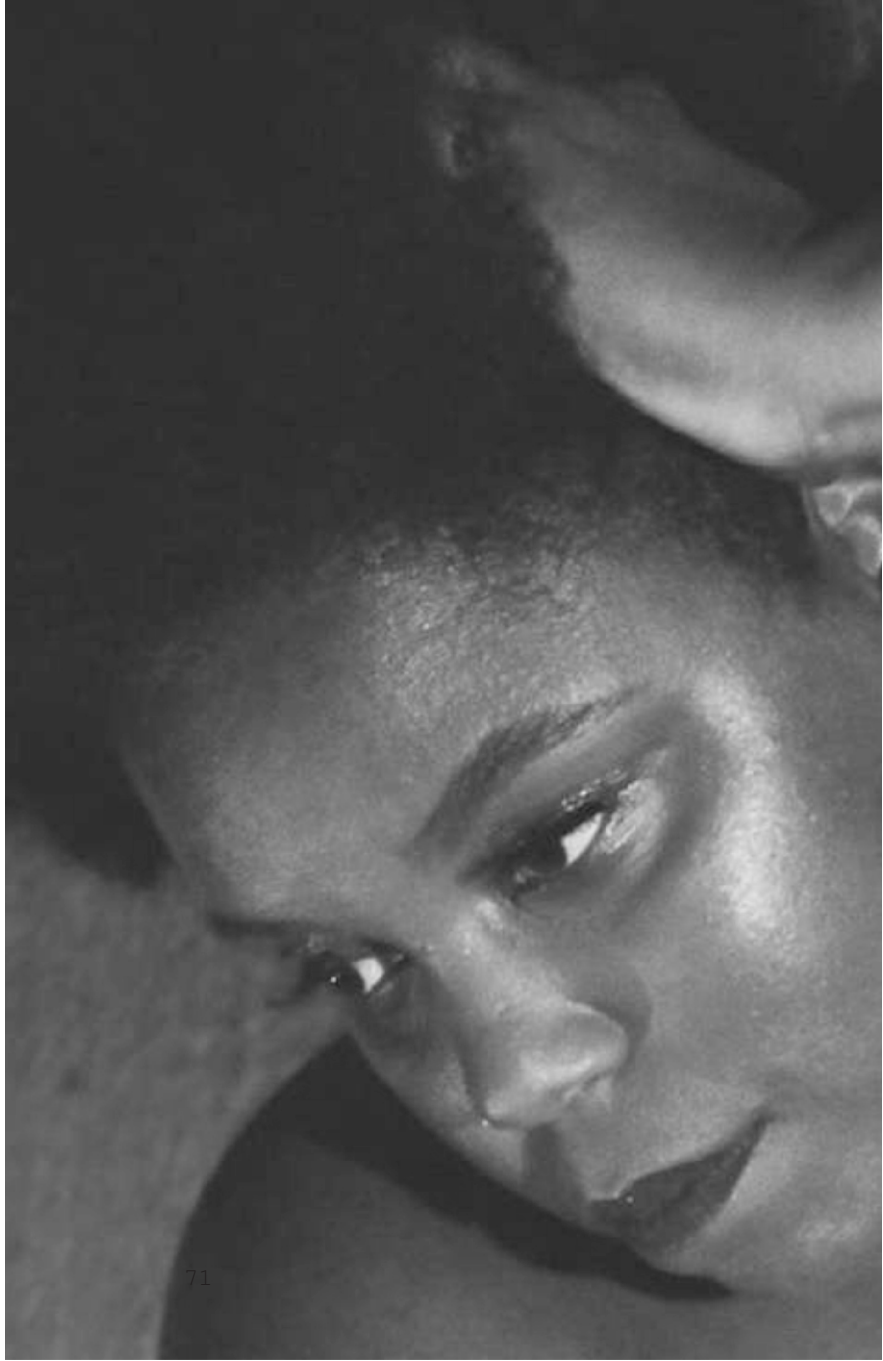
Sabendo que nós negras e principalmente mulheres negras retintas quase a vida toda fomos zoadas na escola ou notada mais como um pedaço de carne porque tem um corpão. Porque somos hiperssexualizadas o amor não foi feito para nós e toda a construção do nosso país que fez e faz com que nos odiemos. Quando estamos amando, queremos sim gritar para todos os cantos queremos tirar fotos. Nem é para exibir no sentimento de fazer inveja, mas porque o que representa estar amando uma mulher negra?

Amar uma mulher negra é um ato político. Termina com você dizendo que o amor acabou, insiste para manter a amizade, usa você porque sabe que você ainda gosta. Como fica fácil de fazer postagem nas redes sociais dizendo que encontrou o verdadeiro amor, e que teve que percorrer um caminho todo que os outros relacionamentos talvez tivessem sido migalhas, e quando estava com você tirar foto não era legal porque não queria expor sua vida, que amor não era para ser exibido. E como a pessoa não tem nem respeito com a outra pessoa, alguns irão dizer que a vida dela continuou e que nós somos recalcadas, mas eu digo não fale do que você nunca passou.

Todas as mulheres negras, principalmente as de pele retinta, têm uma ou mais vivências de preterimento para contar.

## DANDARA KUNTÊ

Dandara Kuntê, nasceu na periferia de São Paulo, lá pelas bandas do Jardim Ângela em 1987. Periférica de raiz. É atriz, bailarina, produtora cultural, escritora. Atualmente é integrante das coletivas: Fala Guerreira, Núcleo de Mulheres Negras, 8M na Quebrada, Periferia Segue Sangrando, e Intérprete criadora das Escritas Negras-Poéticas do Cotidiano.





## ESCRITAS NEGRAS 2

das águas vivas do meu corpo  
sinto alegria profunda  
líquido que escorre  
que se funde no escuro  
do meu ser

tenho olhos d'água  
do Atlântico oceano  
mistérios afrofuturistas  
terra fértil  
solo sagrado

aterro meus pés  
e suplico reza  
morada de nossos ancestrais  
fogueira doce  
mangue maravilhas  
do canto das sereias

recebo a luz desse chão  
com os passos abertos  
em rastros cantigueiras

meu caminhar é feito  
por miçangas  
gangas  
maré

Oxumaré

senhora  
ascensão  
cordeiro de Nanã  
nos proteja  
nos guie  
me guarde

me leve ÁFRICA  
aos tambores  
do amanhã  
com boas novas  
do vento  
ao relento  
daquele lamento  
feito em juramento  
ao rosário preto  
Iemanjá  
espero nosso encontro  
em azul  
ondas  
raio da manhã  
rainha  
afro estrelar  
quero te saudar  
negra amor  
em rimas  
nagô

te olhar no espelho  
e me enamorar  
encantar  
mar

## DEBORA RIOS

Sou Debora Rios, nas  
corredeiras contínuas  
me tornei mulher preta  
mineira feminista,  
professora, poeta do  
e s c r e v e r e d o  
degustar.

Amante das lindezas da  
vida; dos ritmos do  
universo; das mulheres  
do mundo por efetos,  
afagos e prazeres.



## Seduzida pela poesia

A ansiedade me embala  
Ritmada em emoção  
Aguardo sua chegada

Navegando em suas linhas  
Sou um barquinho ao léu  
A deriva dos seus anseios

Vens suave, faceira.  
Tomando-me pela mão.  
Sedutora, percorre meu corpo.

Mergulho em palavras  
Em seus braços fujo de mim  
Encontro sentimentos almejados

Envolta no teu lirismo  
Torno-me arte,  
Minha artífice.

Transcendo por ti, desejo-te.  
Catártica, entrego-me.  
Em êxtase, poetizo.

## **Empinando o céu**

A tarde ia sem dissidências.  
Serenamente o tempo findava.  
Todos curtiam o dia em variados afazeres.  
Sem pressa, apenas torcendo para não segundar.  
E ela? Ela só queria empinar o céu.

No passado um artefato militar.  
Sua leveza e desenvoltura para difundir força.  
Ou, de melhor modo, investidas científicas.  
Mas as coisas mudam.  
Agora lhe rendia sorrisos.

Gratificada, era assim que se sentia.  
A tarefa era fácil, só satisfação.  
Transferia-se por aquela linha,  
Liberta em tanto azul.  
Vendo-a no alto, azulava-se também.

Dançando ao vento,  
Sibilava de alegria.  
Enxergava-se livre, sentia-se.  
Silencioso, efêmero prazer.  
Diluídos em corta, corta!



**DEUZYDARA  
NOGUEIRA (Deusa  
Nagô)**

Cantora, compositora,  
escritora e ativista.  
Movida pelas nuances  
da vida, conheci e me  
apaixonei pela  
escrita.

## **Existências**

*Insatisfeitas garotas negras  
Chegam exalando poder e beleza  
São mães, filhas e suas próprias deusas  
Seguimos lutando por um pão a mesa  
Marginalizadas desde sua nascença  
Elas aprenderam a ser resistência  
Pois num país de fascistas ocultos  
Nossa pele preta é sobrevivência  
Ancestralidade e resiliência  
A força oculta que nos sustenta  
Sexualidade e irreverência  
Liberdade ancestral da negra existência.*



## Cansada

Eu já estou cansada de não.  
Ei Temer fode com nós não.  
Vilas Boas no Comando NÃO!!  
Ei você! Preta não entra aí não!  
Não, a vaga não é pra preta não  
Não entra aí não vai por traz negona!  
Quando a preta levanta a mão NÃO  
Quando pede carona no busão não  
Quando sai de afro na rua não  
Quando tenta sair do tráfico não e ainda enfrenta  
mais não  
Olha uma universidade!!  
Xi preta aí você não entra não  
Respeito não, direitos não  
Amor não, descanso não  
E não para por aí não  
Comida não, dignidade não  
Ancestralidade não, liberdade não  
E um futuro quem sabe? NÃO  
Para tá doendo!? NÃO  
Por favor não me mata!? NÃO  
Por favor não atira!? NÃO  
Posso desistir?? NÃO

## DEBORAH MONTEIRO

Mulher negra,  
periférica, mãe,  
professora na escola  
pública e mestra em  
Educação. Entre  
poemas, artigos e  
planos de aula, os  
sonhos que me põe a  
voar continuam sendo  
feito de  
escrevivência.



## **Embaraços de nós**

Enrosquemos os cabelos  
até que se confundam  
até que fundem Movimentos  
sem pautas, ponteiros, pontos  
e que não haja pente  
que os desembaracem.  
Que nossos dedos sejam rasteiros  
mamilos se encostem  
língua nos lábios grandes de sua vulva  
pulsante  
deliciosamente natural.  
E assim se enrosquem também todos os outros  
pelos  
para que enlacem raízes históricas  
e inaugurem memórias  
de mundo-mulheres que se fundem  
em entrelaços.  
Dos nós dos teus dreads  
às pontas dos meus cachos.

## DINHA

Dinha (Maria Nilda de Carvalho Mota) é poeta, doutora em Literatura, editora independente e integrante dos grupos Edições Me Parió Revolução e Posse Poder e Revolução.



## **Assim se faz chocolate**

Cacau  
Açúcar  
Vontade

Boca.  
Úmida  
Arte.

## **Manteiga de abacate**

Seu mérito:

é descer como a chuva

Úmida

Engolir céus e planícies

Se entranhar nas brechas fundas

Desses sóis que estão a pino

Exceto quando se põem.

## Cantiga deficitária em verso esparso

Bife à ralé  
Dobradinha  
Picanha.  
Ou desisto  
Tu desistes  
Ela desencana.

Muito tarde pra ser longe  
Muito longe pra ser tida  
Como estrela do oriente  
Ora desaparecida.

San Tomé dos carroceiros  
Freia a tarde que o começo  
Da viagem é vazia

Mas depois tem o recheio:  
Carne dura lá no meio  
Pé na porta palo seco  
Rua estreia e  
Sem saída

## **DULCE CARVALHO**

Dulcinèa Aparecida  
Carvalho da Silva ( Dulce Carvalho)  
Nutricionista  
graduada pelo Centro  
Universitário São  
Camilo com Pós  
graduação na Faculdade  
de Saúde Pública da  
U S P .      A t u a  
profissionalmente em  
consultório com foco  
na área comportamental  
e desenvolve trabalho  
pioneiro no carnaval





## **Para você que procura um Amor.**

Desejo um amor verdadeiro e correspondido. Daqueles que atravesse as fronteiras do tempo e das convenções.

Que seja mente e coração.

Desejo sorrisos frouxos, arco-íris ao entardecer e muitos beijos de perder o fôlego. Que desperte sentimentos que te façam acreditar que é bom viver.

Desejo um querer simples e decidido de não estar com mais ninguém, que é para dar tempo de fazer a dois o que você cansou de fazer sozinha.

Desejo completude, a vida jamais experimentada e que você nem sabia que existia. E que dentro deste amor esteja muito mais do que a palavra encerra e do que a natureza contempla.

Que haja liberdade, aquela que só é possível quando se vive e se deixa viver.

E que você esteja preparada para receber este presente, porque aí não haverá medo ou dúvida.

Se breve ou para sempre só você saberá interpretar, mas desejo que ele valha a pena cada segundo vivido e que acima de tudo você possa chamar esta experiência de FELICIDADE.

**ELIS REGINA  
FEITOSA DO VALE  
(1983-2018)**

Filha de Afonso Feitosa do Vale e de Maria Aparecida da Silva Feitosa e mãe Cauê. Companheira, amiga, capoeira, pirracenta, brincalhona. Iniciou Doutorando em Educação e era mestre em educação pela USP.



## **Tetas, taças, flechas**

*Saracutiô nos minhocão das vias, vielas e veias  
Crepusculária Membrura tal minina molequeira  
Em carne pôr-do-sol-nascente diz que é todinha feita  
Muito da bem nascida Crepusculária Membrura  
Que é fia de papai-membrana e de mamãe-juntura*

*Tormento zica pra rabujenta Alvaustera Impertubalidade  
Alva fantasma mequetrefeira, epistemicida empacad'injúria  
Fica pângua na poesia silenciosa da misterios-idade  
Fica no cagaço do encontro e da incontrolabilidade  
Assombradinha patologiza criminaliza e anesteseia  
Procura a cura procura acura procura a cura procura...  
e marmoteia...*

*E a menina demandeira Crepusculária Membrura  
À alopatia-antropólogo-carcerária faz sua jura:  
A afronta viva num sorriso da malícia na mumunha  
Serelepeira nas rasteira brutamente sente a multa  
anuvia olofote, mostra arranha-céu em calça injusta  
É minina do abassá, cabaça viva elementar  
e floreia...*

*Minina tinhosa, traquinosa, presepêra d'uma égua!  
leva segredo leva em corridas devaneios levaleva  
enleva escorridas desvaneios enleva enleva...  
e embosqueia...*

Pois que nos tantos pé d'seus tantos camin'  
se reabre se refecha se reabre se refecha se reabre se  
refecha...

em estradas e cavernas e estradas e cavernas em estradas  
e cavernas...

em teta, taça e flecha em teta, taça e flecha em teta,  
taça e flecha...

Pois que a minina num só único cantin'  
se revela se profunda se revela se profunda se revela se  
profunda...

se desvela se afunda se desvela se afunda se desvela se  
afunda

Pois que a minina num só único instantin'  
se separa se ajunta se separa se ajunta se separa se  
ajunta...

em um monte em só uma em um monte e em só uma...

Pois que nimim essa minina crepusculando ovozigoteia...teia

Num tantão que sou só um bucadinho num bucadinho que sou  
um tantão

num tantão que sou só um bocadinho e um tantão...em  
movimenta...numpáranão...

Nessa nossa vida nascida em linhas de linhagem languageira  
em teta, taça e flecha, em teta, taça e flecha... que não  
arreia e me repleta ...

...que num arreia e me repleta...me repia e me repleta me  
repia e me repleta...

*Nisso tudin' essa tal minina bandoleira Crepusculária  
Membrura  
Me mosaica me rejunta me mosaica me rejunta me mosaica me  
rejunta...  
Me retalha me costura me retalha me costura me retalha me  
costura...  
Me entalha me camurça me entalha me camurça me entalha me  
camurça ...  
Me ajeita me bagunça me ajeita me bagunça me ajeita me  
bagunça...  
Me mima me destruncha me mima me destruncha me mima e me  
destruncha...  
Me acolhe me expulsa me acolhe me expulsa me acolhe me  
expulsa...  
Me enlabía me ausculta me enlabía me ausculta me enlabía me  
ausculta...*

*(Elis - Julho de 2010)*

**ERENAY MARTINS  
TUPINAMBÁ**

Erenay Martins  
Tupinambá. Ekedji,  
budista, capuera,  
geógrafa,  
arteducadora,  
dançarina,  
materialista e  
estudiosa do poder  
curativo das plantas.  
Mestra em educação e  
doutoranda em  
geografia.



## **Essa é pra quem Louva-Deusas**

quando se caminha ao lado  
não com pressa  
feito Luiz Gonzaga  
na estrada de Canindé

um chamego no pescoço  
uma cabocla moindo os pés no riacho  
um xote leve que bambeia e embala  
o cheiro de jasmim de seus cabelos

mãos na cintura  
nas costas pretas  
mãos nas mãos  
balanço seduzente

se ele não toca  
eu toco  
você toca, ela toca  
da toca vem muito mais do que  
entrada e saída  
na borda você pode licença  
quem guarda a porta  
tem sete saias  
cada uma tem 9 babados  
um pra cada reza

a prece é súplica exuística

*materializa desejos  
sonhos são verbalizados  
palavra é concretude*

*essa palavra reverbera  
no corpo  
que externaliza e propaga  
um desejo na matéria  
ondas de sonoridade*

*orienta-se com o som  
Laróyè  
Èsù é Mojubá  
Èlègbàrà Vòdún  
Kukuálungá Mpambu Va-Njila  
Dona moça Bombogira Cigana do Oriente*

*sangue que corre nas veias  
conecta mundos naturais e sobrenaturais  
o que mais é o espírito senão a própria natureza?*



## **Brota amor**

Como se evita amor?

Como se evita paixão?

O coração sente, a mente sabe, o corpo atrai

Preta, seu sorriso carimba felicidade em meu peito

Seu carinho imprime tatuagens de flores e paisagens

rupestres em minha pele

De tanto apanhar flores no campo

Apanhamos brotos que floresce m no jardim de nossa aldeia

vermelha e preta

Cuidados com muita água, sol, lua, estrelas e terra, muita

terra

Floresta

Estufa de carinho, conversas ao pé do ouvido

Amável é o cuidado

Cuidado sem se exceder

Cuidado não pode ser controle

Os ramos crescem robustando

Arbustos aromáticos

Ah, brisa fresca nas pétalas

Evaporam orvalho curativo

Alimentam a liberdade da natureza de ser humana

## FORMIGA

formiga ou formigão da  
Z/S-SP pele parda 29  
ano kontrariando as  
estatística litera-  
eskura di kebrada já  
tem uns dia fazendo  
poesia-putaria  
ritmado nas rima  
poétika profetika  
artesão nas palavra  
eu-sapatão.



## Seis sentidos

o negrume dos seus olhos me fascina como de kostume  
revitaliza finda toda dor linda linda linda kor admiração  
se kanalizam em ardor lábios se tocam em karinhos sábios  
provokam kaminhos em perkursos vários é fato experimento  
teu relevo no meu tato nua ke kausa a luz da cheia lua  
kalor sem pausa vou ke vou de leve essa pele me pede apele  
mede palmo a palmo intensamente kom jeito kalmo suspiro  
profundamente no seu cheiro eu piro e sigo em frente komo  
um braseiro vou fitando seu modo meigo rebolando tipo uma  
kuíka kquanto mais arrepika mais estridente teu gemido fika  
é kente o klima vai e vem por cima soa a minha e a sua  
pessoa nessa fusão loka malícia boa delícia é sua boka  
serpenteia na minha mão está posto sente seu próprio gosto  
nos meus dedos então teu gozo minha satisfação um kerer  
nada bobo e ai vamo di novo?

**ESMERALDA  
RIBEIRO (Ada  
Jones)**

Esmeralda Ribeiro. É jornalista e escritora. Faz parte dos coletivos: "Quilombhoje" e "Flores de Baobá" (escritoras negras). Também responsável pela edição da série Cadernos Negros. E-mail: [blackesme@yahoo.com.br](mailto:blackesme@yahoo.com.br)



## Palavras nuas

Eu não sei como começar. Primeira vesti e desvesti as palavras, quantas vezes não sei. Elas queriam ficar nuas. Depois arrumei as metáforas, estavam todas desajeitadas. Os versos, esses, ficaram soltos. Fiquei sem saber se dava um toque feminino ou um toque livre de prazer.

Eu deveria chamar aquela moça do banheiro, de amiga, mas não, nunca teria essa intimidade, por vários motivos, um deles que ela nem olha direito para mim. Aliás, não nos olhamos direito. Para falar a verdade eu também não sou íntima de mim. Quando me referir a ela, a nomearei de colega do banheiro. Somos distantes, eu também mantenho distância de mim. Nossos diálogos são rápidos e cordiais, só dizemos uma boa noite. Deveríamos ser amigas nós duas, mulheres negras e até quem sabe sermos íntimas, porém não há nada que nos una, além da cor da nossa pele. No vestiário um lugar de intimidades, sem máscaras, contudo lá existe uma linha imaginária, onde cada uma fica de um lado. Ah, mulheres no banheiro e quanta nudez... Você poderia ser mais uma, só que não, você se destaca entre todas as outras. Entra se despindo com pressa e naturalidade. Anda de um lado para o outro, naquele pequeno vestiário. Aquele corpo preenchido de vasta carne. Queria falar-lhe que é um modelo vivo. Quantas vezes já vi sua rosa, sem pétalas. No papel desenharia entre suas pernas uma rosa aberta, sem formato definido, porém realista de uma úmida flor, sem censura. Na tentativa de trazer à tona o que há de secreto entre as suas pétalas, talvez revelasse seus desejos

selvagens ou não. Minha imaginação voa, voa... Todavia sigo à risca o código de conduta injetado em mim e ser feminina molda o meu ser. Sigo com tanto rigor, que viro a cara quando você fica nuazinha. Eu também não conheço a úmida flor, que brotou entre minhas pernas. Onde há espelhos fico longe, apesar de que muitos mostram meu corpo como moldura, da minha cintura para cima. Assim nos ajuda a sentir completa, mesmo com a imagem metade de nós. Queria ter a coragem de olhar para o corpo dela. Eu queria ter coragem de abrir as minhas pernas e como criança curiosa de posse de um espelho olhar dentro de mim, queria ver o infinito, que esconde nessa minha caverna secreta.

Nem sempre te contemplo moça do banheiro, tem dias que questiono sua nudez. Estaria você exibindo suas belas curvas naquela calcinha fio dental, querendo só a nossa admiração? Porém no fundo você, eu e quantas de nós terceirizamos nas mãos de outros ou de outras as nossas possíveis descobertas? Jamais me motivaram a perceber o que eu realmente tenho entre as pernas. Será que é só uma vagina? Será que sou hermafrodita? No quarto escuro guardam nossos segredos. Contudo me ensinaram a ser feminina e sob olhares de cidadãs do bem troco as minhas roupas coloridas, algumas da cor do arco-íris, por vestimentas cor "rosa". Sigo o mantra: "Menino veste azul e menina veste rosa"... Meus sentimentos se misturam ao mesmo tempo, inveja e pudor, porque aquela moça do banheiro não está nem aí para os nossos olhares e nem se preocupa com os desejos das outras de ser bonita e sem censura. Eu também no fundo

gostaria de despir-me de mim. Quem estaria dentro de mim? Desconheço esse meu outro eu. Só sei que quero tomar nas mãos meu corpo, o meu desejo. Quero compartilhar o amor, mas não quero mais compartilhar meu corpo, nem doá-lo para ninguém, porque a posse não tem limites e quando eu quiser meu corpo de volta, estará perdido no meio da convivência, misturado ao desgaste da união. Seguirei a desafiante tarefa de me amar, sem delegar aos outros meus prazeres.

## **Gabriela Carmo**

Gabi Carmo - poeta,  
escritora, estudante  
de Ciências Sociais da  
Universidade do Estado  
da Bahia - UNEB e  
ativista dos Direitos  
Humanos, residente da  
Cidade de Salvador -  
Bahia.





## Quero gozar no seu céu

\_ Oi... Você está bem?

\_ Quanto tempo... Estou levando... E vc?

\_ Resiliente...

\_ Que bom...

\_ Tenho um livro pra você...

\_ Depois de certa distância, um livro...Obrigada.

\_ Vem buscar. Tem cerveja artesanal, escondidinho e Belchior. Rs

\_ Você não pode jogar com estas armas. Rs

\_ Vem!

\_ Vou!

Tomei um banho, meio pensativa. Estivemos complicadas por um tempo. As vidas cheias de empecilhos, inclusive seu namorado, machista e lgbtfóbico, então nos afastamos. Minha filosofia de amores livres e leves me fez não querer lutar por mais ninguém. Se for pra ser, não precisa forçar.

"Estou aqui embaixo!" Mandei no WhatsApp. Jogou as chaves. Era isso que nos atraía. Uma mulher louca, sem frescuras, guerreira e com um coração maior que ela para doar e a outra fresca, chata, ranzinza, mas com um coração tão grande quanto o dela.

Cheguei à porta e parei, observando ela de costas com o livro na mão. Quando me viu, caminhou até mim, envolveu as mãos em meu pescoço e me beijou. Sem pressa. Sem peso.

- Você trapaceou. Só vim pela cerveja, pelo livro e por Belchior. E ri.

- Mas é por mim que vai ficar. Me beijou novamente sem me dar condição de dizer um sarcasmo.

O nosso desejo era grande. No chão da sala ouvíamos música e tomávamos cerveja. Nos olhávamos muito e falávamos pouco. Só com o olhar, eu já estava em cachoeira.

- Cadê ele? Perguntei.

Não sei mais dele. Não foi doloroso romper com ele, foi doloroso romper com a sexualidade que pensava ser a minha. Preciso ser feliz.

- Eita. Soltei baixinho, dando uma golada grande na cerveja.

Peguei em seu braço e a sentei em meu colo, sem dizer nada, nos beijamos. Belchior cantava a Divida comédia humana "quero gozar no seu céu, pode ser no seu inferno", nos olhamos e rimos porque lembramos que uma vez dissemos que amor não pode ser só céu, só calma, a paixão, que é o inferno, é o equilíbrio das coisas deste mundo.

- Lembra-se de nossas conversas loucas sobre as letras do Belchior? Perguntei.

- Lembro! E suas filosofias de liberdade que eu discordava? Ela disse, fazendo uma cara feia. Rimos.

- Lembro, claro. Eu sou a mesma quanto a isso.

- Eu sei.

Nos beijamos e ali mesmo que fizemos amor com paixão, fodemos com força, elevamos nossos corpos a uma alta dimensão. Eu queria tudo. Ela me devorava. As bucetas desaguavam sem parar. Rolamos pela sala. A Condição Humana de Hannah Arendt na mesinha e Belchior cantando para nós. Queríamos morar na filosofia onde nada é eterno.

## **Contramão**

- Ficaria a vida inteira grudada em tua pele, perdida em teus olhos e mergulhada em teu perfume suave de frescor da manhã...

Eu falava baixinho para aquela linda mulher preta, inteiramente despida, sentada em minha perna, recostada sobre meu corpo, beijando meu pescoço e suspirando sacanagens gostosas.

Naquele quarto apenas os nossos ruídos, nossos cheiros, nossa energia sexual e conexão espiritual.

As minhas mãos habilidosas e macias passeavam pacientemente por cada curva daquele corpo. Beijava suas costas e seu pescoço ao mesmo tempo em que alisava e contornava seus seios deliciosos, bicos rijos de tesão. Seu corpo era a mais bela poesia visual. Seus gemidos, a melodia mais harmoniosa que eu compunha. Seus movimentos leves e sedutores, seus toques em minhas pernas enquanto meus dedos mergulhavam dentro dela eram a dança da paixão e de um amor latente que naquele momento explodia.

Levantou-se com o olhar penetrado no meu, pôs um pé sobre a cama, pegou levemente a minha cabeça e levou às nuvens. Apalpei a bunda ai passo em que chupava sua barriga e

lambia seu umbigo, beijando seu ventre e tocando todo o seu corpo, mordiscando suas belas coxas.

Minha língua passava em seu clitóris e neles eu criava o mais excitante poema sem letra. Ela comandava os movimentos dos quadris e eu, segurando neles, fiz ela jorrar amor. E banhadas de amor caímos exaustas e apaixonadas. Me olhou profundo, contornou meus lábios e me beijou, recitando *Contramão*, de Isabella Taviani:

- "a vida inteira eu desejei um beijo seu."



## **GEORGINA NETA**

Georgina Silveira Pinto Neta é baiana da Barra do Rio Grande, estudou Filosofia na USP. Desde 2014 participa do Bloco Afro Ilú Obá de Mim. Quando criança, gostava de se arriscar na poesia, hábito que se perdeu com o tempo, no Clube de Escrita para Mulheres, descobriu o quanto essa história é comum e agora trabalhar tentando criar um mundo no qual acreditar.

## **Carmen**

Carmen tinha encontrado a pessoa que a fazia gozar e gozar bem gostoso, tanto que as contas acumulavam e ninguém notava, afinal o sexo era bom.

Mas o cotidiano não dá trégua, o aluguel é caro, o trabalho é chato, os planos e sonhos são muitos. O próximo passo, depois de arrefecida a putaria, era testar se havia um encontro de almas gêmeas financeiras.

"São coisas demais pra focar", tentou pensar racionalmente aquela buceta alucinada, "mas se não houver compatibilidade financeira, acabou". Seria difícil, mas é importante pensar na vida e no futuro. "O passado, o histórico econômico são tão importantes quanto planejar o futuro", pensou a mulher voltando a si.

Primeiro passo: descobrir como Deuslório se virou até ali, afinal não viviam de amor antes daquela felicidade incendiária. Depois disso, a mulher pensou no que desejava para si. Quais eram suas expectativas sobre sua vida conjugal? Estaria disposta a ter uma vida a dois? Queria falar sobre sua vida financeira também? Pensava e pensava e nada fazia sentido fora da cama, distante do coito.

Trabalharia, pagaria suas contas. Descobriria devagar para onde aquilo iria, aquela questão não era urgente, foder era mais. Passara a vida privada de luxos, economizando, construindo castelos de areia, porque não manter aquele mais um pouco.

Suas famílias vinham de contextos parecidos, gostavam das mesmas coisas. E, para Carmen, além do sexo, havia o

silêncio, extremamente sedutor, ainda mais em tempos de discursos excessivos. Optou pelo silêncio. Silêncio dura e torna o deleite duradouro, sustenta castelos de areia também.

Deuslório seguia sua vida sem muitos alardes, a amante parecia satisfeita com seu esforço para satisfazê-la. E também não era ruim ter onde ficar, colocar as ideias no lugar, decidir se acabava a faculdade ou desistia em nome da música. Estava desmotivado, havia sido roubado, levaram seu computador onde estava seu último trabalho e, desde então, encontrara refúgio dos problemas cotidianos no corpo quente daquela mulher ferosa. Nada poderia abalar aquela paz.

Os sonhos, por fim, emergem novamente, lembram Carmen de que economia de presente é pra gerar futuro, que não se ama só, que sexo é bom, mas os boletos vencem, não se cria filhos com bem -bom, nhem nhem nhem, muito menos se devora o mundo assim. Seu apetite não se contentava mais com sexo, sentia o desejo se esgotar naquele espaço e sua vontade de vida, de potência, de descobertas, a instigava cada vez que via aquela paixão domesticada, aguardando por ela em casa, com mil e uma desculpas para esperar e venerar a amada.

"Aquele pessoa tão incrível seria boa em algo além de me venerar e me foder gostoso?!", se perguntava Carmen quando o tédio dominava o ambiente.

E não demorou para que o tédio tornasse tudo difícil, levasse o prazer embora e a obrigasse a elaborar um plano de futuro. Todas as dificuldades de viver só continuavam se acumulando, não havia ajuda.

Tentou explicar uma, duas vezes, a necessidade de organização financeira, falar de seus sonhos, até que se tornou insustentável levar adiante aquela putaria. Precisava de mais, o silêncio não mais satisfazia, assim como o oral.

Toda paixão ardente esgotou-se como uma trepada rápida e furtiva.





## **HILDALIA FERNANDES**

É doutoranda em Literatura e Cultura pelo Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia; mestre em Educação e Contemporaneidade pelo PPGEduc/UNEB; Pesquisas sobre Escrita literária de mulheres negras em especial sobre Carolina Maria de Jesus e Toni Morrison. É Erva Doce na família Associação Arte Baiana Capoeira e é mãe de Cauê Paranan.

## O porão

Quando eles chegam é sempre assim, em bando, fazendo algazarra e arruaças as mais diversas. Arrancam-me o sossego, a paz de espírito e a tranquilidade. Festa para eles que se tornam os donos do lugar, ainda que na penumbra, e tristeza profunda para mim, que perco o posto de comando existente até então e o lugar de rainha.

Eles escolhem as horas e momentos mais frágeis, aqueles nos quais estou geralmente só, fraca, vulnerável e, portanto, disponível e propensa a tais energias e intenções. Com a casa cheia e repleta de amor, um escudo quase inviolável surge e nos protege de todos eles. Sim, são muitos, trata-se de uma legião. Lar vazio, eles se tornam quase palpáveis, materializados, reais demais para eu me apaziguar e crer que são coisas da minha cabeça que há muito não anda bem.

Cabeça roda e a letargia atrelada ao medo se apossam de mim e do lugar. Tento fingir que não os vejo e eles me impedem o caminho, riem da minha insegurança, dançam e sapateiam, gargalhando do meu sentir.

Sei que tenho e sei quais são os meus protetores e guias. Por um breve instante, penso em clamar por eles, mas a voz, aliada ao temor e terror que se apossam de mim, some. O quadro é tão desolador que me resigno e quase me entrego às perversidades do bando, maldades das mais diferentes ordens. Só sei que acabo à mercê dos desejos deles

Tento correr para ocupar a mente, pois os meus mais velhos já sinalizavam há bastante tempo que, uma vez ociosa, ela

se torna lugar propício para toda a sorte de negatividade. Mas cadê a coragem e força necessárias para ousar sair da camabrigo? Sei do meu poder, mas nesses momentos ele parece estar tão longe!

Tenho planos, metas, prazos. Eles muitas vezes acabam me auxiliando na fuga desse nefasto espetáculo que, se dependesse da minha vontade, há muito já teria saído de cartaz. Mas, infelizmente, não depende.

Tenho inúmeras culpas e remorsos os mais diversos por ser habitada pela tristeza e pela melancolia. Mas não sou eu quem decide, nem quem faz a escolha, apesar de acreditar que sou senhora do meu destino (raras vezes).

Preciso de ajuda e para ontem. Eu mesma me dei alta da terapia, justamente quando começava a avançar e a me aproximar das primeiras e importantes respostas. É um processo assustador esse o da (auto)descoberta via (auto)conhecimento. Doloroso por demais, quase insuportável. Fugi mesmo! Boicotei o processo que começava a lograr êxito.

Aproveito a coragem que parece insana para compartilhar esse caos que se tornou meu íntimo e explícito um pouco mais sobre mim e o meu processo. Sou manca, tropecei, ainda pequena, e quase caí num buraco, na escuridão profunda e eterna. Quase não consigo me desvencilhar desse acidente pelo resto da minha existência. Volta e meia ele surge repentinamente em minha frente e me paralisa, impedindo de caminhar, de avançar. Todas as vezes que tentei ignorá-lo e acreditar que ele era fruto da minha criação, da minha imaginação, ele surgia e me mostrava que não duvidasse dele

e me fazia lembrar, com riqueza de detalhes, o que mais desejava esquecer.

No momento de sua primeira aparição, ainda na tenra infância, acabei deixando pedaços de mim por lá. Era um porão sujo, escuro, velho e fétido. Juntei toda a parca coragem que me restava e para lá retornei objetivando catar e colar tais fragmentos de mim, mas, para minha surpresa e torpor, não mais os encontrei. Desapareceram. Teriam caído no buraco? Evaporaram? Não me restava força para me aproximar do fosso que parecia tão umbilicalmente extensão minha que chegava a me tirar o fôlego. Teriam esses pedaços, sido surrupiados? Mas quem teria interesse neles? Para que? O que fariam com os mesmos se nem para mim eles eram fundamentais? Ainda que hoje saiba que sou incompleta, faltosa, desde então. Com essa falta, com esse vazio, minhas ínfimas coragem e determinação se perderam também por lá. Ficaram para trás e hoje, passado tanto tempo, se tornaram inalcançáveis e sem possibilidade de recuperação. Perdi o caminho de volta a elas. Sigo moribunda, absurdamente apática e letárgica, seguindo o fluxo dos dias, sem grande ou quase nenhuma pretensão.

A escuridão e o buraco me perseguem. O maldito do algóz também. Sua sombra me acompanha sem trégua. Impedem-me de caminhar, de avançar, de avançar, de caminhar. Sou povoada de medos. Escuridão, nem pensar. Paralisa-me! Preciso de luz e se a interna me falta (quando existia era bem fraquinha, um quase nada), não mais acende, a artificial há de servir, pelo menos provisoriamente.

Ele está vindo me buscar. Sempre ele, o buraco sem fundo, sem fim. Um buraco? Sim! E tudo o que ele representa: violação, desprezo e perversidade. O guizo faz parte da trama para me amedrontar e como funciona. Atormenta-me e alucina-me. É o código, o chamado. Não há opção! Tenho que atendê-lo. Paro tudo e sigo o som. Ele me ameaça, me obriga a segui-lo. Faz promessas de morte dos entes queridos se não obedecê-lo. Largo tudo do quase nada que invento de fazer e sigo o som. Leva-me até a beira do buraco e me larga lá sozinha, na escuridão sem fim! Se me demorar mais um pouco por lá, no porão que guarda o buraco e o local onde guardo minhas estilhadas e agonizantes memórias, das quais não desejo lembrar, eu tomo o impulso e mergulho nele para não mais voltar.

É preciso tentar, continuar lutando, resistindo bravamente para não se entregar, mas o chamado do buraco é tão mais forte e persuasivo! Coragem menina! Reaja! Só mais um pouco e vezes sem conta!

## INGRID PASSOS

Ingrid Passos está  
como rio, fluida, em  
constante movimento.  
Fertiliza, rega, lava,  
inunda, transborda.  
Não se bebe em copo.



## **Aqueles dias**

Eu tô naqueles dias

que sucedem os dias 'daqueles dias'

Tô naqueles dias em que meu corpo te deseja com todo fervor  
que o pelo da nuca arre pia só de imaginar minha boca na tua

Tô naqueles dias que todas as memórias de você rebolando e  
gemendo me rondam constantemente,

naqueles dias que aperto as coxas pra aliviar o tesão e  
umedeco a calcinha.

Eu tô naqueles dias de querer te adentrar inteira, sentir  
seu cheiro, seu gosto, e mergulhar em suas águas.

Tô naqueles dias em que um simples áudio seu me excita só  
de imaginar sua voz rouca ao pé do meu ouvido.

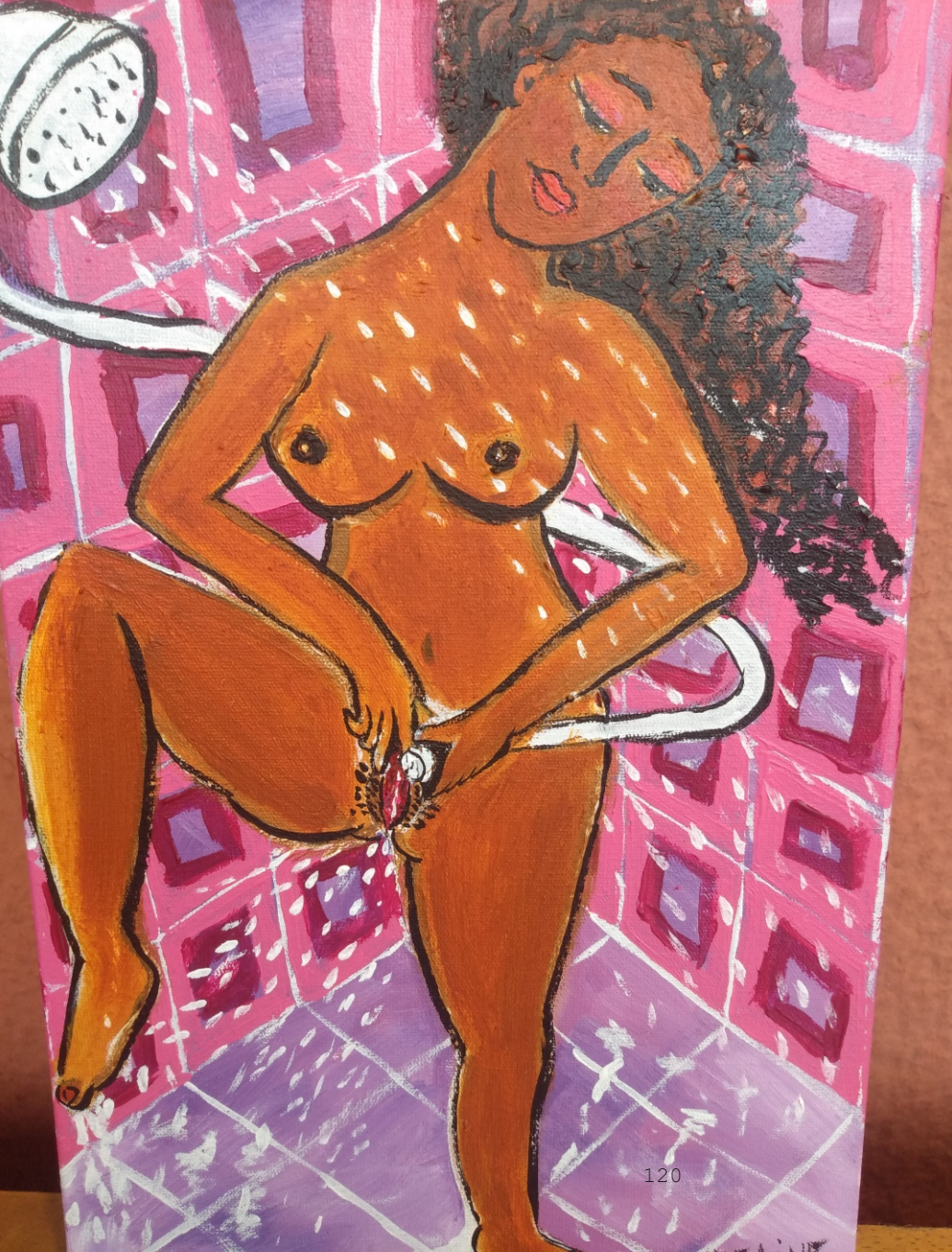
Tô naqueles dias que não me importa o que aconteceu antes  
ou o que virá depois, pois o que me importa é o agora: seu  
corpo no meu por entre os lençóis, rolando pela cama até o  
dia clarear.

## **JACKELINE ROMIO**

Doutora em demografia,  
escritora, grafiteira e  
feminista negra,  
estudiosa do texto.  
Escrevo sobre a  
violência contra as  
mulheres, feminicídios  
o racismo, o  
capitalismo e os  
efeitos disso na nossa  
vida.







prazer honesto

## JANAINA BARROS

Artista visual,  
pesquisadora e  
professora. Doutorado  
pelo Programa de  
Interunidades em  
Estética e História  
da Arte pela USP.  
Possui publicações  
sobre autoria negra e  
gênero na arte  
contemporânea.





Psicanálise do cafuné

Fotografia: Wagner Leite Viana

## **JANAÍNA MACHADO**

Janaína Machado é mediadora, poetisa e pesquisadora no campo das relações étnico-raciais. É pesquisadora no campo da performance da negritude, tem por foco a gramática da resistência negra.



## Moço

Encharque-se comigo feito garoa fina  
Transborde seu instinto e perca a linha  
Emaranhe-se comigo feito tessitura  
Como chuva passageira,  
escaldante de ternura.  
Deixe o respingo me encharcar  
Mas prenda-me em sua gruta  
Seque-me toda,  
mas encharque-se comigo.  
Seque-me agora,  
mas águe minha boca.  
Aperte-me bem forte e confunda o meu Norte  
In Love, invada-me, vai...  
Mordisque-me bem forte,  
e sem pensar no tempo.  
Petisque-me, moço.

**JOICE AZIZA DE  
MENDONÇA SILVA**

Historiadora,  
professora de  
Educação Básica.  
Especialista em Raça  
e Gênero. Promotora  
Legal Popular. MBA  
Gestão Escolar-  
Equidade Racial.



## Quintas

Envolvimentos sem impedimentos, sem julgamentos  
Seis dias nos separam das quintas assertivas.  
No interior do Castelo, acompanho o seu se despir.  
Se aproxima, me acaricia com beijos no pescoço  
Passeando até meus seios.  
Suas digitais marcam meu corpo.  
Olhares que encontram, junto aos sorrisos e suspiros  
Dedos na virilha, mordiscando meu desejo  
Suas orelhas quentes entre minhas coxas  
Pareceu ser eterno "isso, isso"  
gritos e suspiros.  
Mergulhada no prazer, sussurrava em seu ouvido  
"vem, vem"  
Até me invadir, e meu corpo se contrair  
Atendendo meu pedido, escutava seu gemido  
Penetração lenta, precisa  
Um vai e vem constante e ardente.  
Explodimos de prazer, de ideias.  
Nossa pele  
Nosso olhar.  
Nos completamos  
Em felicidade  
prazer.  
Nos saciamos.  
Me avise quando chegar.  
"Não demore viu"?

## **JULIE LUA**

Julie Lua, 33 anos,  
mãe de 3 filhos, arte  
educadora, escritora  
de PG, 3° lugar  
concurso de poesia  
falada Leni Morato  
2018.





## **Macho Folgado**

Chega de boquete  
Já paguei a minha cota  
Agora são vocês que me devem  
E eu quero na mesma nota  
Exijo um serviço bem prestado  
Chupadas no grelo para deixar excitada

Quero você lambendo sem frescura  
A vulva escorrendo e não me interessa se sua a pica tá dura  
Metete a língua o dedo e me chupa

O cuzinho também pede uma lambida  
Lambe que ele até pisca  
Eu quero prazer  
Chega de dar sem receber

Cansei de meter  
E só você gozar  
Macho folgado  
Quer ganhar boquete deitado?  
De braços cruzados?  
Faça você por merecer  
Porque essa noite eu quero ter prazer.

## **LEILA NEGALAIZE LOPES**

Tem pé na pomba com  
dendê e um sabor  
adocicado no cobre da  
bacia em que nasceu.  
é jornalista, web  
designer,  
especialista  
etnogastronomia, Dj,  
blogueira, produtora  
cultural e  
afrofuturista.



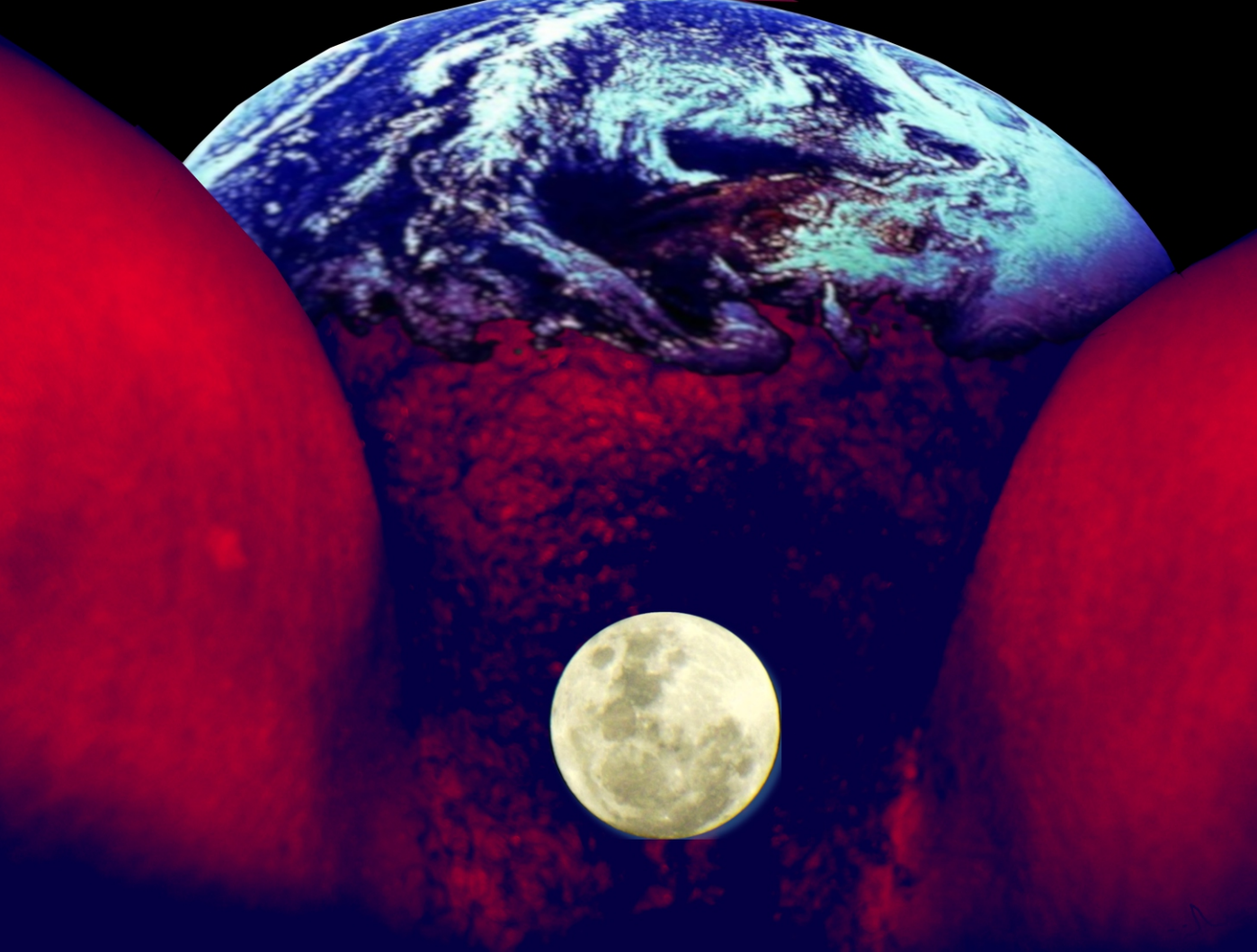
## Orum

Andava distraída pelas ruas de uma cidade não mais tão alegre, passava pelas ruas admirando o que havia mudado que as casas não tinham mais o colorido que anteriormente tinham para seus olhos não conseguia identificar aquela brusca mudança e caminhando pensava, será a cidade que mudou ou eu que mudei não pertença mais a esta cidade em que parte deste mundo pertença algo fazia falta lembrava de sua Iá de seus e suas amigas que já se foram para o Orum e se indagava mais e mais por onde andava seus antigos amores estariam casadas? Estariam vivas vivas como o que descobrira recentemente que amou e ainda amava a todes. E num impeto adentrou em casa cheirou o cangote de sua amada que havia lhe acompanhado nesta viagem beijou-a ardentemente e ali mesmo na sala fizeram amor duas mulheres entrelaçadas num gozo ritmado, suado e cantado Como num disco voador atravessaram galáxias povoaram juntas planetas

renasceram em luzia  
e assim expandiram seu reinado pelo mundo  
chamado terra  
entre mãos, carícias e beijos  
suas línguas saborearam seus corpos  
suas narinas seus cheiros  
aterrizaram no chão da sala  
e juntas de mãos dadas  
se olharam  
sorriram  
a panela de pressão apitou  
estava pronto o jantar.  
Levantaram e ela pensou  
Não pertença mais a esta cidade  
mas a cidade me pertence  
e nós juntas pertencemos  
a Orum.



ORUM  
LEILA NEGALAIZE



BIG BEN



**LINA EFIGENIA  
BARNABÉ CRUZ**

Lina Efigenia Barnabé Cruz. Negra, filha de Dolores, Cozinheira e Benedicto, Pedreiro; mãe de Daliah Christine, sogra de Reginaldo e avó de Nicolas e Helena. A guardando a aposentadoria. Graduada em Psicologia Organizacional. Poeta. Ativista.

## Sarro

Oralidade - para conquistar;  
Amoralidade, malícia, ingenuidade,  
teima, birra e aceitação;  
Sob lençol ou não;  
Na cama, no sofá, na poltrona, na cadeira, na pia, no chão.  
Trocar fluidos com sofreguidão.  
Mas após esse rala e rola,  
Deverá haver algo que me consola,  
Pois ele deixa patente: "Preta, tu és quente, mas não vai  
rolar casamento, não".  
E há: quem disse a ele que trepo para amarrar?  
Eu faço por prazer, por gostar, só para gozar  
Depois... sou eu quem deixa ele na mão...  
Aprenda, vacilão: por mais que preste, não é teste.  
Eu tenho os meus parâmetros e as minhas preferências;  
Abomino os emuladores dos senhores de escravos.  
Vê se raciocina, e se ilumina: não sou escravizada, detesto  
a inconsistência.



## TÔ NÃO

Tô nem aí para um monte de coisas, de besteiras, de asneiras, de baboseiras. Para!

Quero homens com mulheres,

Mulheres com mulheres,

Homens com homens.

Quero mais é torcer e poder ver:

Que se achem,

Que se olhem,

Que se acheguem,

Que se toquem,

Que se encaixem,

Que se reconheçam,

Que se peguem,

Que se entreguem,

Que se esfreguem,

Que se cheirem,

Que se abracem,

Que se enlacem,

Que se beijem,

Que se emocionem,

Que se apaixonem... e relaxem.

Eu quero mais que as pessoas se grudem,

se lambuzem,

que escrachem, des pudoradamente.

E se permitam, apenas, gozar.

Viver.

## LÚCIA UDEMEZUE

Arte educadora, poeta, cientista social, pesquisadora na área de antropologia em estudos de culturas populares. Atua na área de políticas públicas das relações de gênero e étnico raciais. É produtora cultural da Tsika Cultural, que promove a r t i s t a s independentes e ações culturais. Faz parte do coletivo de mulheres negras Manifesto Crespo.



## Café Campesino

Me disse hablando catedrático diante da breve dúvida, a certeza:

- Então, olhe as estrelas...

Senti seu peso

No meu corpo

Minha pele

Molhando

Ao tocar a grama de orvalho da madrugada

Gozar no perímetro

Território

De onde nasci

Num céu de milagre

Nítida lua

Num céu negro azulado

Prévia de crepúsculo

Com coruja e tudo

Até parecia ficção poética

Para que escrevesse aqui

Mas era ali

Onde qualquer um com bilhete único pode ir

No círculo entre as rochas fincadas no chão

Debulhei-me de um tesão  
Que desabrocho  
Entre seus lábios  
Entre os meus lábios  
Entre as minhas pernas  
Te acolho

Língua  
Hálito  
Pau  
E sal



**MARALICE ANTUNES  
CAMILLO**

Negra em processo de  
(re)descobrimento -  
ou seria invasão?  
Brinco de ser criança,  
finjo que sou adulta.  
Já imaginei ser  
escritora. Hoje  
i n v e n t o s e r  
Professora de Artes.

## **SOLIDÕES**

Amigos encontros bissextos.

Família improvável.

Amor a distância.

Espaços

vazios

reivindicam

ocupação.



## **MARI SOUZA (MJ)**

Mariana Oliveira a pioneira no rap pernambucano, poeta, ativista social, educadora social da AME (Ação de Mulheres pela Equidade), produtora cultural na terra do frevo.

## **Um conto da vida real** *(nomes propícios e fictícios )*

Depois de um encontro magico Erva se tranca em sua suíte e lembra que o Bandido (ladrão de <3 e outras coisas mais), que acabara de sair de seus aposentos, tinha seu manual. E fez ela sentir um prazer como a meses não sentia, desde aquele Mc bom de mic, da língua solta, que tb tinha seu manual, mas ela preferiu recuar que pular no abismo da rima gangster dele.

E lembrou que na faculdade se acarinhava com um poeta do sertão, que falava cordéis quentes em seus ouvidos, enquanto ela gemia alto. Ele tb tinha seu manual. O deus ébano da capoeira, o assistente social, o sambista, o guerreiro, o safado, o marido, o traficante, o jornalista, o presidente, o celebridade, o rodado, o fiel... Vários desses tiveram por um instante o seu manual. Quando a acarinharam com respeito, carinho, fogo, paixão... E duraram até ela pingar a ultima gota.



Ao som do gangster ele me toma  
Com a boca na minha ele me rouba  
Como um mágico some com toda minha roupa  
Brusca pegada me deixa louca  
Eu não sei que hrs vai ser  
Não me faça parar quero amanhecer  
Nenhuma palavra vai me dizer  
Que eu tenho que sair de cima de você  
Eu quero gozar e não me envolver  
Me derramar, te derreter  
Sente esse som?! Gritos do prazer  
Vai me dominar, entorpecer.  
Acha que eu vou me render  
Na cama bandida, na pista pode ser.  
Preciso ir agora  
Tem gente lá fora  
Te provoco na tora  
E abro a porta  
Tua vontade me devora  
- Fica mais uma hora?!  
Aflora...

\* MJ \*

## MARINA AFARES

Marina Afares é atriz, cantora, compositora e inventora. Gosta de criar com o som da palavra, das notas e do corpo, trabalha com música em seu repertório autoral, e desenvolve múltiplas parcerias com artistas, como Lage Bxd, Biel Lima, com grupos de teatro a Combate Coletivo de Artes Pretas e educação com a Itan Coletiva de arte preta integrada.



## **DÚDÚ**

Salve tuas força, mulher!

Erga a cabeça, sobe nas mata, faça caça, dê de comer

Salve tuas força, mulher!

Desça.

Permita que as mãos próprias se espalhem por toda a  
concha

Ceder

Até que as pernas se contorçam no meio fio dos lábios

Salve tuas força, mulher!

Nada que eu experimentei foi igual a mim ou a você

Eu tenho pena e salto fundo

Saudando e metralhando internamente

Só com o meu poder

Salve tuas força, mulher!

Só tu conhece a ti mesma como ninguém

Avance.

Penetrar sempre foi coisa nossa e por isso a vontade  
não esgota

Salve tuas mana, mulher!

Aqui no meio do nada, tudo só fez sentido com vocês,

Nossas tretas, nossos segredos, nossas mandingas,

nosso poder

Salve minha força

de mulher

Pois me fiz inteira, me forjei no aço, no maço, na  
marba gelada

Saúde essa força sem marcha, eu fórica, pletórica

Pretórica, igual a noite nus é

## MARLI AGUIAR

Marli de Fátima Aguiar, mora na Cidade de São Paulo mais de 25 anos, mas será sempre de mineira. É oficineira e fomenta a escrita para mulheres negras, militante feminista e também educadora social. Escritora, Autora do livro de contos: Tecendo Memórias e Histórias - 2016, produção independente e artesanal.



## **A Meia Luz**

De vela em um candelabro no canto da sala e o perfume de incenso com cheiro de jasmim. Carícias, beijos de selinhos, cheiros, toques... a dança das mãos sobre finos tecidos da pele, beijos que agora ardem... tropeços, respiração ofegante. Ela segura a cabeça dele e o beija ardente, línguas, salivas, calor, o encontrar de um beijo correspondido. É ardente é suave e sensível. Mais toques e carícias, ele diz baixinho, vamos nos prevenir, ela consente e auxilia na tarefa coletiva do cuidado... entra, sai, entra, sai, entra... ele balbucia em seu ouvido: como você gosta? Ela responde também em sussurros... de todas as formas... os corpos se grudam forte, não havendo espaço para respirar, até o ar encontra em dificuldades de se fazer presente. Palavras quase não saem entre lençóis e travesseiros, e ambos desfrutam do movimento hora suave, hora mais forte do vai e vem dos corpos onde os lábios se tocam sutilmente provocando mais prazer... Todos os pelos dos corpos se levantam para reverencia o espetáculo de entre laços de dedos, mãos, braços, troncos, pernas, pés... mais toques, mais cheiros, apertos, mordisco... É ato de amar, é prazer da carne e alimento da alma. Suor cansaço, loucura, movimentos frenéticos de entra e sai, suaves, fortes... movimentos. As paredes e tudo que coabitam no ambiente fecha os olhos para não invejarem do prazer alheio. Os seios entumecidos como uma fruta fresca, um pêsego a ser sugado seu néctar, assim como as cavidades úmidas de suor e líquidos, ouve-se gemidos, silencio,

cheiro de amor que invade a atmosfera, e os corpos caem cansados de amar. A cabeça apoiada no peito molhado e o coração acelerado... um afago no cabelo, é hora de descansar.

## **Sem pressa**

Naquela noite você colocou-me na mesa  
com suas mãos grandes, mas delicadas  
abriu-me com seus dedos longos  
como um livro recém-chegado da biblioteca.  
Folheou-me e cheirou-me suavemente  
Percorreu os olhos e os dedos  
cada linha, cada vírgula, cada ponto.  
E, pausadamente  
sem pressa de mudar de página  
passou a língua, sugou-me  
e bebeu em mim cada palavra.

**NADIA WAMUNYU**  
**(Nairobi,**  
**Quênia)**

Meu nome é Nadia Wamunyu e tenho 26 anos. Sou uma artista visual contemporânea com base em Kobo Trust. Eu acredito fortemente que eu nasci uma artista. O universo negligenciou minha audição, mas me deu visão e mente para trabalhar. Minha arte é uma expressão de mim mesma.  
[www.nadiavisualartist.com/](http://www.nadiavisualartist.com/)













Nathan



## NATÁLIA MATOS

Natália Matos, 34 anos, formada em gestão ambiental e pós graduada em sistema de gestão integrado, proletária, punk, vocalista da banda AfroPunk PUNHO DE MAHIN, compositora, às vezes poetisa.



## **Muda**

É o cabelo que ela muda  
Quando se sente alegre  
Na vida  
De forma decidida

É o cabelo que ela muda  
Quando se sente nostálgica  
E aprecia  
A caminhada já vivida

É o cabelo que ela muda  
Quando demonstra sentimento  
Receosa  
Nem entende direito

É o cabelo que ela muda  
Quando se sente amada  
Desejada  
Não só em uma noitada

É o cabelo que ela muda  
Quando sente ardor  
Queimando no peito  
Um certo rancor

É o cabelo que ela muda  
Quando se sente ferida

A mente abatida  
Cansada de tanta mentira

É o cabelo que ela muda  
Quando se sente invadida  
Ofendida  
Com a vida reprimida

É o cabelo que ela muda  
Quando passa despercebida  
Perdida  
E ninguém nota sua saída

É o cabelo que ela muda  
Quando almeja mudança  
Perseverança  
Sabe que há esperança

É o cabelo que ela muda  
Quando não consegue falar  
Então é o cabelo  
É o cabelo que ela muda  
Muda





## OLIVIA DE LUCAS

Brincante e pesquisadora de Cultura Popular, com ênfase em manifestações e foguetos de matriz indígena e afro brasileira, focando nos aspectos musicais dessas manifestações, atua nas investigações de ritmos brasileiros, predominantemente do norte e nordeste.

De olhos fechados  
No meio da noite  
Ouço os passos  
Sinto você chegar  
Fingo estar dormindo  
Apenas para te observar  
No silêncio  
Passos contados  
Você tira os sapatos  
E logo vem deitar  
Coloca o braço na minha cintura  
Um cheiro bom na nuca  
ouço o sussurrar  
BOA NOITE, NEGA  
Impossível segurar o sorriso  
Ainda meio que dormindo  
Viro o rosto pra te enxergar  
um selinho de boas vindas  
Ainda sonolenta  
Tento te abraçar  
Do meu jeito ogra  
Beijo sua boca  
E volto a hibernar

Ter vida dupla  
Será essa minha sina?  
De dia na vida cotidiana  
Buscando o mesmo que todos  
Entre rostos desfigura dos  
Despersonalizados  
A noite  
No mundo  
Desfrutando de prazeres fúteis  
Alimentando minha alma  
Minhas vaidades

Não sei porque necessito disso  
Só sei que preciso  
Ser eu mesma  
Inconseqüente  
Divertida  
Livre e solta na vida  
Sem responsabilidades

Mas também preciso dos deveres  
Cumprir ordens  
Seguir padrões  
Ganhar a vida  
Me sustentar

Sou duas  
A face oculta da noite  
E a claridade da manhã

Duas faces que se envergonham mutuamente pela existência  
Uma da outra  
Não queria ser ninguém  
Ou ser como todo mundo  
Mas não sou  
E sou



**ORNELLA  
RODRIGUES**

Ornella Rodrigues é escritora, poeta, fotógrafa e educadora social. Sua arte fala sobre identidade, ancestralidade e sobretudo sobre amor e afeto. Possui um livro publicado intitulado "como domar um coração selvagem", lançado em 2018.

Perdoe  
Minha intensidade  
Meu furor  
Vontades  
Querência de amar

Perdoe  
Se fui afoita  
Tirando minha roupa  
Não pedi licença  
Antes de entrar

Perdoe  
Se te queimei  
Com meu fogo  
Te deixei quase morto  
Sem ar

Perdoe  
Minha loucura  
Arranhões  
Mordidas  
Se te fiz gozar

Perdoe  
Minha luxúria  
Não era minha intenção ficar

Queria apenas seu corpo

Provar do teu gosto  
Minha fome  
Saciar

Tenho ciúme  
Da fumaça  
Que você traga  
E da cerveja  
Matando sua sede  
Tenho ciúme  
Das palavras  
Que saiam dos nossos corpos  
Como gozo  
Enquanto fodia  
Tenho ciúme  
Da música que te embala  
Do sol que esquenta  
Do chuveiro  
Da toalha  
Tenho ciúme  
Das bocetas que acolhem  
Seu pau sempre rígido  
Das bocas que te beijam  
Dos braços que te confortam  
Tenho ciúme  
Do que te rodeia  
Ar  
Céu  
Estrelas

Tenho ciúme tudo  
Até deste poema



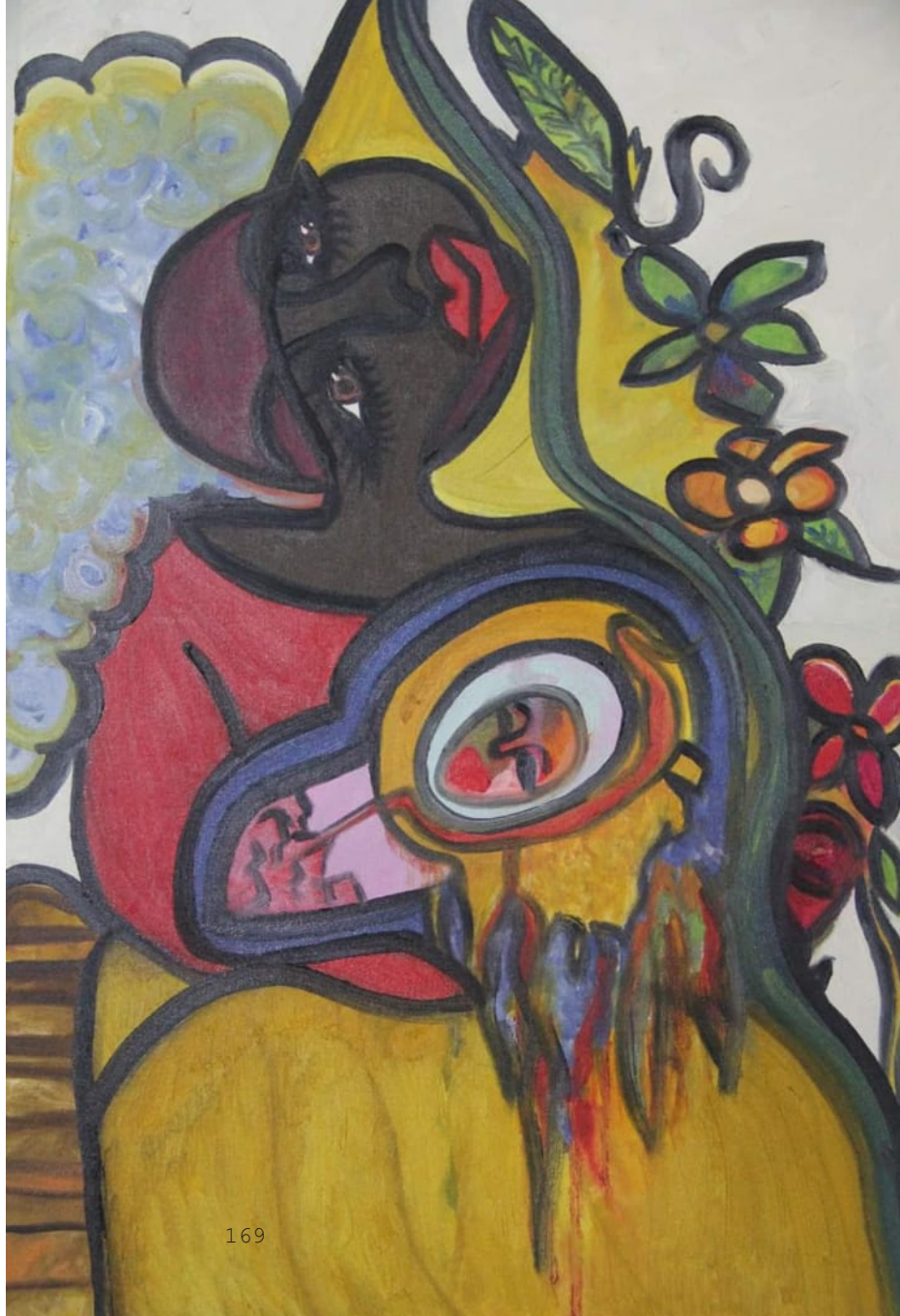


## OLYVIA BYNUM

Performance, vídeo arte, pictórica, produtora de festivais culturais afrodiaspóricos.

Formada em Artes plásticas pela Faculdade de Belas Artes, 2015. É ganhadora de diversos prêmios e reconhecimentos por seus trabalhos.

<https://olyviabynum.wordpress.com/>





## **PATRÍCIA SANTOS**

Mulher negra, mãe de duas lindas meninas. Apaixonada pela forma de escrever os vários sentidos do viver.

Ela não tem nada de Santa  
Ela sente na pele a sua falta  
A falta dos beijos  
O dedilhar carinhoso no sexo  
O roçar e o fervilhar da pele na pele  
No bico o rastro dos lábios  
Na descida da camisola de algodão a caminho do quadril  
A mão que desliza inquieta a cada pulsação dos batimentos  
que aceleram a cada beijo  
Já decorou sua pele seu gosto  
Os gemidos sussurrante ao ouvido a cada entrada forte e  
pulsante  
A cada movimento do entra e sai uma obediência cega do  
desejo  
Do pulsar  
Do abre se para mim amor  
Uma tortura desenfreada que agoniza o sentido mais ardente  
No lençol ela sente os dedos emaranhados não pare  
No tocar na nuca a cada beijo sôfrego um abre se para mim  
amor  
Vadia  
É assim que ela se sente  
Vadia  
Devassa  
Desejos meus a cada milímetro  
Só me sinto  
Só me quero  
Só me penetro  
O rebolar dos dedos no entra e sai te trago para mim

Aqui assim  
masturbo no seu olhar  
No pulsar do seu sexo me encaixo  
Sôfrega  
Seios doloridos de desejo  
Ela crente que já vai gozar  
Circula, enfia , tira, brinca  
Sem dó enfia novamente  
E geme baixinho  
Uma agonia deliciosa  
Não tem fim se perpetua  
Não tem pressa de concretizar  
O corpo vibra  
Estremece de prazer  
Ela sorri  
Sabe os limites  
Adia, vadia  
Se diverte com a tortura  
No único ritmo que conhece  
No vai e vem com tudo que tem  
No delirar no rebolar no ápice  
Suspiros...  
Dessa vez  
Ela sorri  
Nua exausta  
Saciada  
Suor  
Aconchego nu  
Saciada...

**PRISCILA  
FERREIRA ROMIO**

Iluminadora Cênica,  
escritora, feminista  
negra, mãe de  
K i y a n l a y e ,  
Coordenadora do  
Coletivo Louva Deusas.



## **Anja Torta**

Neste carnaval me vestirei de anja torta  
Com lindos cabelos crespos  
Cheia de cheiros  
Cintura fina  
Boca cheia de carne e bunda dura  
Sou uma destas anjas que dança na rua.

**QUÉDIMA FERREIRA  
ROMIO**

Escritora de contos  
eróticos, mãe,  
apaixonada,  
sonhadora, lutadora,  
vivo a minha vida de  
maneira intensa.





## Segundo

Vou dizer como sou.

Sou negra com uma bunda que todos os homens acham linda (confesso, eu não acho, mas eles dizem isso).

Meu atual homem quando me viu segundo ele foi quando eu estava com uma roupa que mostrava bem minha bunda ficava bem marcada assim ele se aproximou de mim, começou a me cantar até que conseguiu me levar para cama.

Sabe, primeiro encontro eu cheia de vergonha por ter um corpo um pouco mais cheinho e tentando me desconstrair, ele queria que fosse de luz acesa e só permiti que a TV ficasse ligada então fomos para a cama, tirei a roupa aos poucos, ele queria tirar minha roupa, não deixei, eu mesma tirei e me enrolei na toalha louca.

Homem é diferente quando vi, ele já estava pelado. Olhei e pensei que bonito um pênis nem muito grande nem pequeno da grossura ideal.

## **RAFAELA MIRANDA**

Rafaela Miranda estuda Letras (UFRJ). Pesquisa as relações entre performance, escrita, black studies e corpo preto. É poeta, editora da revista Odara e atua como revisora e tradutora.



**gatinha,**

quando nos vimos a primeira vez  
soube que me rastejaria aos seus pés

às suas patas  
mesmo que horas se passassem acompanhadas do blá-blá-blá  
dos machos,  
o show de rock existia: as luzes, cervejas & outras bebidas  
que gatos não bebem.

mas você bebeu & me convidou, com um beijo, pro seu balaio  
de ~~gatos~~

gatas

minutos depois me estiquei em sua cama,  
ofereci minha barriga: sou sua. me entreguei às suas tetas.  
antes mesmo de você ter tirado o sutiã, verdade que já  
tinha me rendido a elas, quando  
no bar te afofava com meus olhos de  
felina.

a gente soube da tenacidade de ser gata e de se lambar uma  
à outra.

agora

    baby,  
queria a sua barriga colada à minha  
pois só assim teria a certeza que incide em você

a mesma luz que nos diz coloridas  
seres ronronantes &  
por isso  
livres.



**RAQUEL OLIVEIRA**

Raquel Oliveira, 22,  
multiartista.

TOQUE-SE

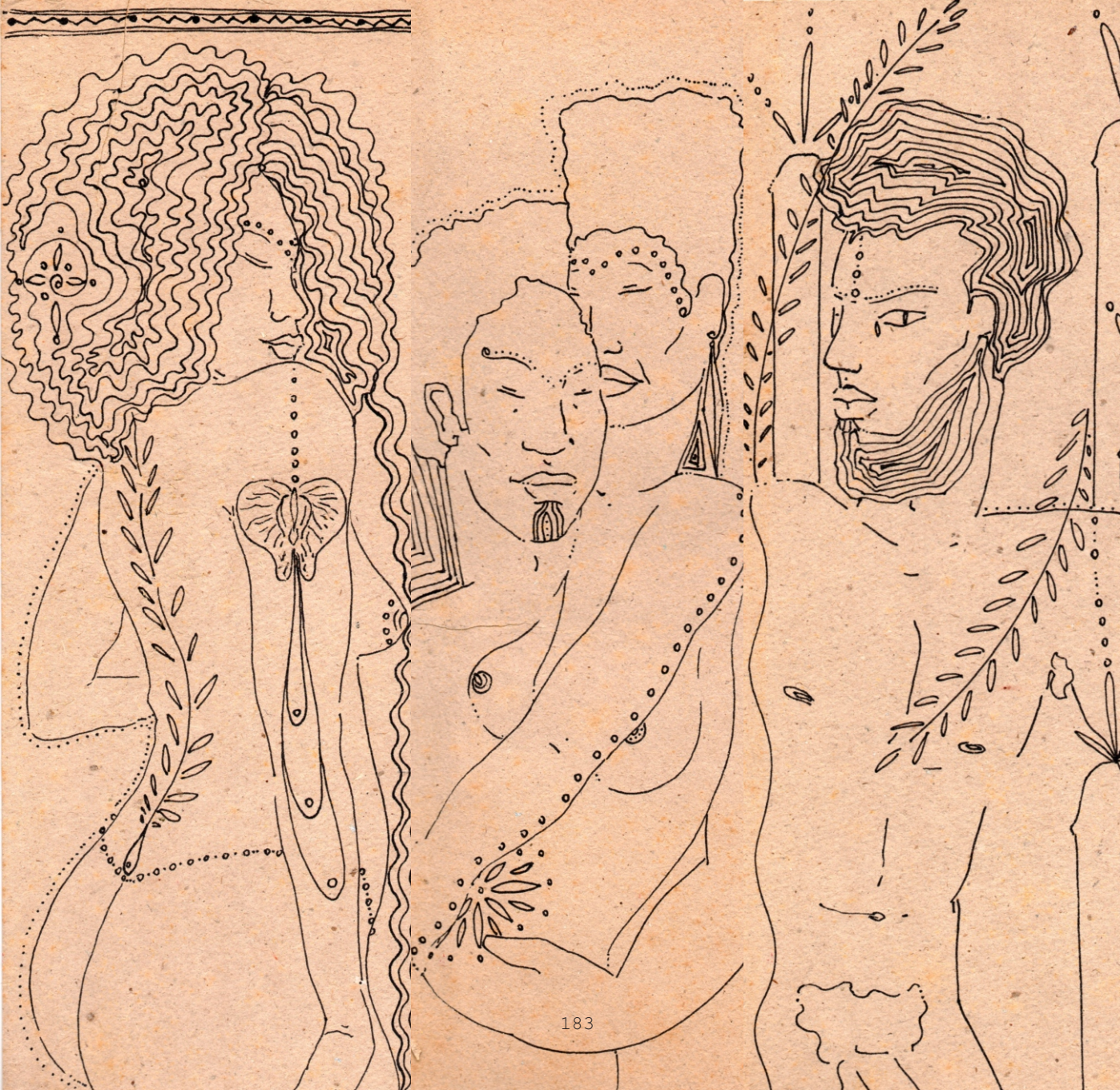
Raquel Oliveira





## **RENATA FELINTO**

Doutora e mestra em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da UNESP e especialista em Curadoria e Educação em Museus pelo Museu de Arte Contemporânea da USP. Artista visual e professora adjunta de Teoria da Arte da URCA/CE na qual compôs o Comitê de Pesquisa Científica, foi coordenadora do Curso de Licenciatura em Artes Visuais e do subprojeto PIBID do mesmo curso. A arte produzida por mulheres e homens negrodescendentes tem sido tem principal tema de pesquisa.







**SAMANTA PILAR**

Escritora,  
cabelereira e  
dançarina.

## Legado

Meu legado  
Se sinta preparado  
O Coração do poeta está despedaçado  
Tenho honrado  
Também tenho orado  
Pois perdemos mais um soldado  
Trágico  
Impacto  
Analiso os fatos  
Porque meu pedido dessa vez foi negado  
Silêncio, olhos marejados  
Pesado  
Versos destilados  
Pow Pow, tey tey  
Ouça disparo  
Realmente não é fácil  
O elo não foi quebrado  
Vem de palmares um chamado  
Junto meus pedaços  
Tenho que defender meu Legado!!!  
É doce a lembrança de seus versos encantados  
É presente é futuro, jamais será passado.  
A poetiza mudou o mundo  
Com teus versos, sorrisos e abraços  
Para Tula Pilar dedico  
Aplausos, aplausos, aplausos !!!!



## **SAMANTHA REBELLES**

Samantha Albino Rebelles mais conhecida como Samantha Rebelles, é atriz, instrumentista, cantora, compositora, filósofa, poetisa e pesquisadora da religião de matizes africanas. Em seu mais recente trabalho "Entre Águas" vem trazendo as grandes deusas Oxum, Iemanjá, Iansã e abrindo os caminhos saudando as Pombas Giras.

## CONQUISTA

letra e Melodia: Samanta Rebelles

Ela vem, descendo a ladeira  
Até que viu Iansã na beira  
E assim nasceu uma conquista  
Um amor à primeira vista  
Todos os dias ela descia cantarolando  
E suas canções caíram no encanto  
Uma noite ela entrou em sua casa  
E se deitou e depois não quis mais nada

Oxum fugiu, do raio de Iansã  
E se escondeu nas profundezas do rio



## **SOFIA TOLEDO**

Sofia Toledo -  
cientista social em  
f o r m a ç ã o ,  
pesquisadora na área  
de violência,  
apaixonada por  
animais, plantas e  
cerveja. Respirando  
poesia como forma de  
amar e sobreviver  
sendo mulher negra  
nesse mundo.

## Dança de uma noite

Mais um trago enquanto trago você pra perto  
Mais um beijo enquanto meu seio você aperta  
Nem se eu quisesse poderia parar a cachoeira de desejos que  
transborda de mim  
a cada toque seu  
Meu corpo sempre tão meu, cai em seus cuidados facilmente  
quando seus olhos me  
revistam assim  
Observando com cuidado cada parte de mim, me faz pensar  
"como nunca antes me senti  
assim?"  
Seus dedos pintam cada centímetro do meu corpo, desbravando  
os mares em mim  
A canção rouca que escapa dos meus lábios te diz mais do  
que qualquer conversa que já  
tivemos  
Em mim, nesse momentos, você cultiva o sentimento de ser  
uma, dividida com outro  
Não mais por opção, mas por gosto  
E seu gosto desliza pela minha garganta e me preenche com  
gozo  
Seu rosto tão perto que vejo até os menores traços,  
enquanto você me traça e eu me movo  
em ti  
Mais fundo que o centro da terra  
Mais quente que o verão de Salvador

A única salvação pra dor das feridas é o calor da sua pele  
no encontro com a minha  
Me preenche de sensações que fazem estacionar o tempo  
Jogamos fumaça e palavras no ar e a cada suspiro faz valer  
o momento  
Prazer, sou eu! A que atravessa suas noites mais quentes e  
que você atravessa com a  
sutileza de uma brisa leve de primavera  
Mas enfim, cansada de tanto sentir, me deito ainda dentro  
de ti  
Feita de mar doce que você se inunda  
Pronta pra me afogar no mais profundo dos oceanos, seu  
olhar  
Não há encontro mais intenso que esse  
E em poucos instantes nos colocamos de novo a dançar

**SUELI FELIZIANI**

Sueli Feliziani  
E s c r i t o r a  
Pesquisadora e  
Coordenadora do  
Projeto Bibliopreta.





## **A buceta preta**

A primeira vez que eu vi uma buceta, era preta  
Era minha.

Não era bem preta, preta, era amarronzada, arroxeadada, com  
lábios escuros e enrugadinhos, e o interior rosa roxo  
mucosa nossa que lindo isso pera deixa eu ver mais perto.  
Ela olhava pra mim, e eu pra ela. A gente não se entendia  
muito bem ainda, mas eu a achava a coisa mais estranha e  
bela do mundo.

A segunda vez que vi uma buceta preta, foi a da moça das  
tranças. Era mais escura que a minha. Pelos bem grossos e  
sedosos. Ela era linda, imponente como a dona. Como eu amei  
aquela buceta. E a dona também. Mas ela tinha outros  
planos. Ainda sinto o cheiro dela na memória quando  
sonho...

Vi algumas outras bucetas pretas na vida. No cinema. No  
pornô. No parto. A vagina do moço do sorriso mais lindo do  
mundo, preta pretinha, e com um grelo lindo, enorme  
desafiando o mundo e dizendo AQUI ESTOU.

A minha mesmo eu vi em muitos momentos. Ela me deu muito o  
que pensar. Chorei quando a vi cheia de pontos pós parir.  
Gritei de júbilo no meu primeiro squirting. Amay cada  
segundo do meu primeiro orgasmo múltiplo. Até hoje tenho  
calafrios e náuseas ao lembrar do meu primeiro abuso.  
Ela fala comigo. Ela é preta e roxa. E ela é camaleoa. E  
muda de cor e textura quando excitada. E se recolhe e  
renova na menstruação.

Uma vagina é um mundo.

Uma buceta preta é um universo.  
Se o rosa é a cor do feminino  
O roxo é a cor da transcendência  
Embucetemonos, então



## **SUELY BISPO**

Atriz, Poeta,  
Escritora e Mestre em  
Estudos Literários.  
Atriz, Poeta,  
Escritora e Mestre em  
Estudos Literários  
pela UFES - ES.

## **ALMA DE CALCINHA**

Nunca tinha pensado  
Em almas vestidas  
Mas agora sei que é possível  
Fazer um verdadeiro  
Streap-tease anímco.  
Tirei a calcinha  
Da minha alma  
Ao cair de quatro  
E de boca e tudo  
Na poesia.  
Quando você vai  
Tirar sua cueca amooooorrrrrr?!!!!

(BISPO, Suely. Desnudalmas. Vitória: GSA, 2009)



**TULA PILAR  
FERREIRA  
1970 - 2019)**

Mineira, escritora, dançarina de dança do ventre mãe de três pessoas maravilhosas. Vendedora de Ocas, declamadora e organizadora de Saraus editou de forma independente seu primeiro livro, *Palavras Inacadêmicas* (2004), do qual vendeu cerca de 1.400 exemplares. Foi uma grande mulher negra que a todas, todos e todes marcou com seu sorriso e força transformadora.

## FORMAS FEMINIS

Formas feminis, formas perfeitas  
Para eles, és bela dos pés a cabeça  
Olhar penetrante, quando quer, provocante  
Sem tirar as sobrancelhas conservas a beleza  
Essa coisa de pinça agride a natureza  
Face com pele de princesa  
Boca carnuda grande sensual  
Sorriso branco como leite  
Um sorriso que nas mentes provoca deleite

Nariz afinado  
Queixo arredondado  
Ombros comportados  
Costa lisas proporcionas

Seios fartos auréolas bicudas  
Quando frio, se arrepiam debaixo da blusa  
Cintura com medida de manequim

Abdômen não é de atleta, mas esse corpo completa  
Com piercing no meu, eu acho feio  
Tatuagem, que bobagem!!  
Agride a natureza  
Derrota a feminilidade  
Uma crueldade

Na sequência, o quadril, de um remelexo sutil  
Coxas roliças como pele de veludo

Dentre elas esse belo, esse belo espaço peludo

Região tentação, façam pouco depilação  
Este ato às vezes diminui a volúpia  
Voluptuoso é o traseiro, músculo, arredondado

Até os joelhos são desejados  
Ah! Joelhos de mais pura sedução  
Num cruzar de pernas até provocam ereção  
Pernas grossas, roliças  
Panturrilhas firmes, bem trabalhadas  
Os tornozelos, um colírio pra rapaziada  
Pezinhos delicados, que coisa bela!  
Merecem sapatinhos de cinderela  
Tens poder de sedução  
Pro teu homem isso é provação  
Suas curvas perfeitas o faz delirar  
E com duas cabeças põe a pensar  
E no final deste ato, concluído o fato  
Um gozo de pura prazer  
Por lembrar de você  
De suas formas feminis  
A essas formas, a sensatez  
És de mais rara beleza, talvez!  
Somos todas, da mais rara beleza, talvez!

Este livro foi feito de forma artesanal  
em Coreldraw página a página.

Tipografia Courier New  
Título 13/ corpo 10.

Produção



Apoio



Realização





Making off das nossas reuniões  
Saudações afrofeministas  
Priscila, Jackeline e Gabriela  
em algum lugar em SP.

